3 1761 07136103 4

PQ
9241
E4

A Egipciaca Santa Maria

A EGIPCIACA

SANTA MARIA

POEMA

DE

FRANCISCO DE SÁ E MIRANDA

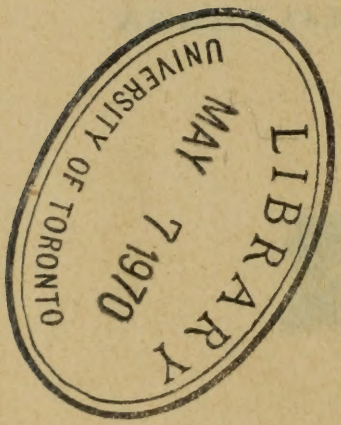
PELA PRIMEIRA VEZ PUBLICADO

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
Livraria Chardron, de Lelo & Irmão,
editores — Rua das Carmelitas, 144
—
1913

PQ
9241
E4



PORTO — IMPRENSA MODERNA

PRELIMINAR

Na sua monumental edição das *Poesias* de Sá de Miranda, ao tratar da parte bibliographica dando conta das composições ineditas, aponta D. Carolina Michaelis simplesmente o poema da *Egipciaca Santa Maria*, com esta observação:

«Inaccessivel, por se achar sequestrada, ficou tambem a poesia intitulada: *Vida de Santa Maria Egipciaca*. É um volume in-4.º, com 188 paginas encadernado em couro e de letra do principio do seculo XVII. Contém a vida da Santa escripta em redondilhas, mas sem divisão ou separação de cantos, todo em discurso seguido, e totalmente diverso do que sobre o assumpto escreveu e imprimiu Leonel da Costa. Guardava-se em 1747 na livraria do Conde de Redondo, como escreve Barbosa Machado, e existia em 1860 em poder de Innocencio da Silva, por compra que d'elle fez, annos antes, aos snrs. Campos, li-

vreiros de Lisboa. Hoje (1885) está com outras raridades bibliographicas entre as mãos de um snr. Merello bibliophilo de Lisboa, que o arrematou no leilão de Innocencio da Silva, e que o estima tanto que *não o vende nem o mostra a pessoa alguma*, como respondeu a quem fez tentativas de o vêr, allegando o fim util e nacional para que era pedido. Foi a unica pessoa que em Portugal se negou a auxiliar este nosso trabalho.» (*Op. cit.*, p. XCVII.)

Causava-me verdadeiro pesar esta sequestração do poema inedito de Sá de Miranda; em 1898 soube que se ia fazer leilão da livraria de Merello e esperava que esta circumstancia me proporcionaria ensejo de examinar essa reliquia quinhentista. Os acontecimentos vieram em meu auxilio. O filho do bibliophilo Julio Roque Pereira Merello pediu-me para rever o Catalogo que constava de 12.358 lotes, para riscar todos os dizeres que não eram necessarios na descripção e conhecimento do livro, poupando assim uma grande despeza sem vantagem. Prestei-me a este trabalho pelo prazer de ir percorrendo todo o conteúdo d'essa opulenta livraria, e apontando as obras que mais interessavam á historia litteraria. Fazendo-o gratuitamente, Julio Merello correspondeu-me com a gentileza de me facultar e trazer a minha casa todas as obras que tinha empenho de vêr. Foi uma d'essas o poema da *Egypciaca Santa Maria*.

Traz o Catalogo um pequeno prefacio nosso sobre

A Livraria de Pereira Merello; transcrevemos alguns trechos, que dão bem a conhecer o typo do ferrenho bibliophilo:

«*Habent suo fata libelli.* É este um aphorismo em que está implicita toda a historia litteraria: os livros tem a sua sorte, e não é menos dramatica a serie de peripecias que constituem a sua historia externa, como a dos conflictos theoricos ou doutrinarios que levantaram actuando na corrente da civilisação. O Livro é um prestigio, como um oraculo que encerra uma auctoridade. *Os Povos do Livro* são aquelles que entregaram a sua disciplina moral e intellectual ao *Pentateuco*, ao *Coran*. Comprehende-se que a Sciencia em vez de ser o conhecimento objectivo das cousas se tornasse o conhecimento restricto do livro. Assim o nosso espirito critico occidental, pelo bom senso de Montaigne, insurgiu-se contra a Sciencia *livresca*. Mas, acima da sciencia do livro, ha ainda mais ardente e exclusiva a paixão pelo livro, levada, como todos os sentimentos exclusivos, á bibliomania.

«Quem ousará condemnar a bibliomania, se é ella um meio indirecto de conservar muitas riquezas do passado que fatalmente se perderiam na voragem do tempo! Sem essa preoccupação de enthezourar todas as variedades e especialidades bibliographicas, seria impossivel construir a Historia litteraria, a grande creação entrevista no seculo XVII por Bacon.

«Abre-se á venda publica (19 de Março de 1898) a grandiosa Livraria de Agostinho Vito Pereira Merello. A Livraria, que esteve sempre occulta como um thezouro cubiçado, é conhecida em quanto á sua importancia pelo fervor, sacrificios e constancia com que o seu proprietario se batia em todos os leilões e pesquizas para alcançar as mais invejaveis preciosidades litterarias e artisticas. Desde 1844 a 1895 gastou Pereira Merello a ajuntar livros, capitalisando na sua Bibliotheca, a melhor parte dos seus rendimentos provenientes das suas funcções de Corretor de numero da Praça de Lisboa. Como foi levado a esta paixão absorvente? Pereira Merello, de origem italiana, cultivou as letras na sua mocidade: escreveu artigos sobre economia e commercio em alguns dos mais importantes jornaes de Lisboa, e collaborou no *Jornal de Bellas Artes*, onde assignou alguns estudos, como o que acompanha a lithographia *Um espectaculo de titeres na rua.* Começou a colleccionar livros quando ainda andavam em dispersão as bibliothecas dos conventos, e proseguiu quando ao correr do martello de leiloeiro se espatifavam as livrarias pacientemente formadas como a de Pereira da Costa. Foi n'este campo de combate que Pereira Merello se encontrou com Innocencio Francisco da Silva; parece que em tempo a mesma paixão os aproximou, e que Merello ainda lhe forneceu apontamentos para o *Diccionario bibliographico portuguez*, trocando uma

vasta correspondencia. É certo que se tornaram inimigos irreconciliaveis. Merello fechou a sua livraria com os sete sellos do Apocalypse, e elle mesmo levado pela preoccupação do livro chegou ao ponto em que já se não dominava, tornando-se elle proprio victima de uma como vesania. Para adquirir as obras mais raras já não olhava a dinheiro, e assim desde 1868, em que lhe começou a correr prospera a fortuna como Corretor da bolsa, até que os ventos lhe foram contrarios e a doença o levou á inhabilidade, todo o seu capital adquirido foi gasto com enthuziasmo em livros, quadros e curiosidades de *bric-à-brac*. Faz lembrar por vezes essa figura mysteriosa e sympathica de *Cousin Pons* do romance de Balzac. Os livros custavam-lhe o melhor do seu sangue, o dinheiro e odios profundos com os outros bibliomanos; guardava-os com as mesmas etiquetas dos leilões, em sacos e em caixas, de modo que perdia o conhecimento d'elles. D'aqui resultava o tornar a comprar muitos exemplares do mesmo livro, tal como aconteceu com outro acerrimo bibliophilo do Porto, o Dr. João Vieira Pinto; e peior ainda, o não dar pelos furtos domesticos, desapparecendo-lhe assim uma boa parte da collecção impagavel dos livros dos Judeus portuguezes impressos fóra de Portugal.

Quando ao fim de quarenta annos de trabalho estava formada esta grandiosa bibliotheca particular, na qual Pereira Merello tinha despendido successivamente

todas as suas economias, ou talvez o melhor de trinta e cinco contos de reis, por ludibrio da sorte elle achou-se cahido em grave doença e sem recursos para viver, tendo seus filhos de procederem á venda por elle auctorisada, da afamada livraria em que accumulara todos os sacrificios e todos os encantos da sua existencia. — Pereira Merello não tinha especialidade bibliographica; amava o livro antigo fosse portuguez, italiano, hespanhol ou latino, da grande epoca quinhentista; a historia, a politica, a sciencia, a poesia, a ascetica, a parenetica, tudo lhe interessava. Nunca deixava escapar-lhe da collecção um manuscripto ou um folheto. — Entre os manuscriptos avultam documentos unicos para a historia portugueza e o mesmo emquanto á litteratura, como o poema inedito de Sá de Miranda *A Egipciaca Santa Maria* que percentera á Livraria do Marquez de Borba. E' uma verdadeira calamidade que se desmembre a collecção dos Poemas portuguezes e hespanhoes em que se encontram as mais invejaveis raridades; essa collecção fôra formada pacientemente pelo maior amigo do P.e José Agostinho de Macedo, chamado Francisco de Paula Ferreira da Costa, e pela qual dera segundo consta perto de dois contos de reis.»

Na livraria de Merello appareceu uma copia da *Egypciaca Santa Maria* [1] pela letra de Francisco de

1 N.º 302, da Collecção de Poemas.

Paula Ferreira da Costa, com a declaração: *Copiado fielmente do Manuscripto original, que existe na Livraria do Ex.mo Marquez de Borba, 1818.* Confrontamos os dois textos, apparecendo n'este todos os erros do apographo do seculo XVII. Ferreira da Costa vivia do expediente de vender copias de obras raras, especialmente dos ineditos do P.e José Agostinho de Macedo, e principalmente do seu vasto Epistolario. Innocencio Francisco da Silva ia comprando a pouco e pouco copias d'esses ineditos, Poemas, Satiras, Cartas e Censuras, com que emprehendera escrever as *Memorias para a Vida intima do P.e José Agostinho de Macedo;* depois parou e levantou mão do assumpto em que se occupara desde 1848. Qual seria a causa? E' que Pereira Merello comprara todo esse material de José Agostinho de Macedo, que Ferreira da Costa accumulara, e nunca mais ninguem lhe poz olho em cima. Ahi n'essa collecção entrava o poema dos *Burros*, em quatro grandes volumes, contendo todas as redacções e elaborações que o Poema soffrera: a 1.a de 1812, em quatro cantos; o canto accrescentado em 1813; a lição de 1814, em seis cantos, *dedicada ao Geral dos Bernardos;* os retoques a pedido dos Frades de Alcobaça, virando as baterias dos *Burros* contra os liberaes em 1823, com as variantes de 1825 e a redacção final de 1827. A este incomparavel texto da famosa Satira-Poema, que abrange a grande epoca de transição do regimen absolutista

para o liberal, ajuntou Ferreira da Costa para mais de 1500 notas historicas, [1] pessoaes e anedocticas. Desde que Innocencio perdeu a pista d'este livro, abandonou a ideia de fazer a sua edição dos *Burros*, da qual se encontra o prospecto...» Pereira Merello saboreava esta vingança de contrariar Innocencio, e foi n'estas birras levado á doentia aberração de occultar os seus livros a todos. N'esta crise é que D. Carolina Michaelis pensou em completar o texto de Sá de Miranda com o poema inedito; topou com uma muralha impenetravel. O manuscripto do seculo XVII está hoje na livraria do Visconde da Esperança, em Evora [2]; a copia de Ferreira da Costa comprámol-a em um alfarrabista com o firme proposito que essa joia litteraria nunca mais se perdesse.

No fim do poema seguem-se cinco Sonetos em castelhano, reflectindo todos elles um estado de desalento moral, em que allude no verso *Las repentinas muertes prodigiosas*, ás mortes de seu filho Gonçalo de Sá em 1553, do principe Dom João em 1554, de sua mulher D. Briolanja de Azevedo em 1555, e do

---

1 Entre essas notas, a com o numero 1473 — consigna: «Sá de Miranda (Francisco) bom poeta portuguez, fez muitas Poesias e entre ellas a *Vida de Santa Maria Egypciaca*, em verso, de que eu tenho uma copia tirada do original que tem o Marquez de Borba na sua Livraria.»

2 No Catalogo veiu sob o n.º 5552. Descreve-o Innocencio no *Diccionario bibliographico*, t. II, p. 55.

rei Dom João III em 1556. Os cinco Sonetos estão unificados no mesmo sentimento, revelando-nos que o poema agiologico foi elaborado por Sá de Miranda nos ultimos dois annos da sua vida, quando na fria solidão e angustia se refugiava na leitura das *Vitæ Patrum*, quadros impressionantes do ascetismo christão dos Padres do dezerto, d'esse periodo de cataclysmo social dos seculos IV e V. A leitura satisfazia a sua alma na ruina da patria, que elle de longe previra. Essas lendas, phantasticas, novellescas dos solitarios anachoretas do Egypto, da Palestina, da Mesopotomia, Galatia, Italia, Cappadocia e Grecia, foram colligidas pelo bispo Palladius e redigidas em lingua grega, com o titulo de *Historia dirigida a Lausus*, Preposito do imperador Theodosio; mas só fôra conhecida por tres traducções latinas, intituladas *Vitæ Patrum* e textos que existiram nas livrarias monachaes de Portugal, d'onde no seculo XIV se fizeram traducções parciaes, como as dos monges de Alcobaça. O texto grego só foi publicado no seculo XVII. Tanto Sá de Miranda como Leonel da Costa serviram-se das versões latinas.

A Egipciaca Santa Maria

Farey que da Egipcia bella
lêam honradas e erradas,
que tomando exemplo n'ella
sejam para o Céo guidadas,
guiadas por esta estrella.

Tambem de vós ajudada
seja minha penna ruda,
porque assim mal aparada,
se escrever com vossa ajuda
pode escrever confiada.
Farei que siga este intento
com vosso favor jocundo,
que he de tudo o fundamento
pera que no mar do mundo
espalhe o pobre talento.

Nasceu no Egipto Maria
trazendo no sobreescrito
belleza, graça, alegria,
sendo alegria do Egipto
quanto no rosto trazia.
Cuidam os paes que na figura
a ventura tem nas mãos;
porém, a boa ventura
está mais na criação
do que está na fermosura.

Ninguem por fermosa cude
que hade ser mais venturosa,
por que a fêa virtuosa
val mais quando tem virtude,
que sem virtude a fermosa.
Nem o bom parecer presta
na deshonesta molher,
por que a má se for honesta
melhor hade parecer
que à honrada deshonesta.

Alegres e afeiçoados
os paes criavam a menina,
pode ser que descuidados,
do ensino e da doutrina
a que eram mais obrigados.
Sempre o amor he devido
encoberto e moderado,
que hum filho favorecido
vem a ser solto e perdido
e o pay, do céo castigado.

Maria já hia crescendo
no parecer e na idade,
o mal e bem conhecendo,
fazendo a propria vontade,
e nunqua a dos paes fazendo.
A mãe cega de afeição
tudo lhe deixa fazer,
não fazendo o que he rezão;
e assim foi a criação
como não devera ser.

Ninguem lhe dava desgosto
por ser de todos amada,
sendo tão mal doutrinada,
que em tudo lhe davam gosto,
e ella o não dava em nada.
Assim mimosa e querida
passava a vida ociosa,
por que a donzella mimosa
se ociosa passa a vida,
passa a vida perigosa.

Sendo de pouca sustancia
erros que crianças fazem,
se com tempo os não desfazem
verão de pouca importancia
danos que comsigo trazem.
A menina procedia
com principios tão ruins,
o Céo que tudo antevia,
tirou tão ditosos fins,
dos máos fins que promettia.

Nunqua dobrar a quizeram
só por não a molestar,
e tanto mal lhe fizeram,
que depois para a dobrar
era quando não puderam.
A mãi quer tel-a sogeita,
que he na molher natural;
mas muito mal lhe aproveita,
porque a filha acceita mal,
porque tudo mal acceita.

Deseja a mãe entretel-a
em algum honesto exercicio,
porque o seu officio d'ella
he não ter nenhum officio
que he máo officio em donzella.
Dá-lhe pelo que presume,
como he costume, almofada,
porque era costumada
a lhe enfadar tal costume,
já por costume se enfada.

A mãe pelo que conhece
na filha, por seus pecados,
desenfados aborrece,
que na 'mãi crecem' cuidados,
e na filha o vicio crece.
Vay lavrando esta peçonha
e a vergonha a perecer,
que quando acaso a molher
chega a perder a vergonha,
já não tem mais que perder.

A mãe e pae encobria
esta má inclinação,
o pae tudo não sabia,
e aqui esteve a perdição
não saber que se perdia.
O pae de noite não dorme
a mãe de 'dia está triste,
a filha anda desconforme,
e todo este mal consiste
porque a filha se reforme.

O pae traz já em cuidado
pelo estado em que a via
de dar estado a Maria,
mas ella estava em estado
que de tudo se desvia.
E vendo a filha esquecida
do que a Deus e seus paes deve,
e com vida tão perdida
por que vê que a vida he breve
deseja de lhe dar vida.

Sinte n'alma e está vendo
que n'esta vida mortal
hirmos vivendo e morrendo
e que a filha por seu mal,
que vae pera mal crescendo.
Não se fie hum peccador
na vida que estima e présa
que vivendo a seu sabor
he como hũa vella accesa
que se apaga no melhor.

Pais que têm filhos travessos
e filhas, quero dizer,
ponham freio a máos começos;
por que depois vem a ser
deshonras, danos, excessos.
Maria tomou tal brio
que nada quiz admittir
que lhe causasse fastio
tendo em todos dominio,
e a ninguem o consentir.

A mãe não se lhe dá d'isso
emquanto a filha é pequena,
o pae, como de mais siso,
sente d'isso maior pena
por não hir penar por isso.
O pae, como pae, deseja
que a filha aprenda mil artes,
com que faça ao mundo inveja,
e que n'ella o mundo veja
fermosura e muitas partes.

Mas se a sua fermosura
hade ser d'aquella sorte,
com tanta desenvoltura
ter a ventura na morte
terá por maior ventura.
A filha que é ociosa
não alegra nem recrêa,
e é-lhe já tão odiosa
que já lhe parece feia
se atéagora fermosa.

Já não a trata e conversa
mas antes lhe faz carranca,
que vendo a filha adversa,
quer vêr se d'alma lhe arranca
esta condição perversa.
Pae que filha tanto amava
já não lhe mostrava o rosto,
e se o rosto lhe mostrava
era com mui pouco gosto,
por desgosto que lhe dava.

Quer o pae que a filha entenda
que já mais vel-a pretende,
e que emendar-se pretenda
que Deus e elle se offende
se se defende da emenda.
Como a edade já era
pera se saber salvar,
ou pera se conhecera,
vel-a uma santa quizera,
que isto se hade desejar.

Bem entende que é rezão;
mas sujeitar-se não quer,
que he infernal occasião,
de hûa molher se perder
não querer ter sujeição.
E está sujeita a mil danos,
a filha que em tenra idade
não faz dos paes a vontade,
por que depois com mais annos
custa caro a liberdade.

E como as almas conquista
um perfeito parecer,
esta guerra tão prevista
de todos se deixa vêr
pera ser de todos vista.
A todos quantos a vêm
se deixa vêr em geral,
porém na molher de bem
parecerá muito mal
folgar de parecer bem.

Não lhe faltava prudencia
pera fazer o que convinha,
e não pecca de innocencia,
por que o maior mal que tinha
era não ter obediencia.
Vendo o pae que o Céo lhe dera
a filha que lhe nasceu,
apaixonado se altera,
lamentando ao mesmo céo
que antes nunqua lhe nascera.

A mãe vendo apaixonado
seu companheiro e amigo,
pesa-lhe não aver dado
á filha áspero castigo
por não se aver emendado.
Com grave melanconia
andava a triste molher,
temendo se o pae souber
o que a filha encobria
que chegaria a dizer.

O pae soffrido e sisudo
sinte muito e não diz nada,
a mãe como era culpada
que da filha foi escudo,
deseja vel-a afogada.
A filha que o fundamento
era de todo este mal
dá sinaes de sentimento,
mas o sentimento é tal
qual era o procedimento.

Eram os principios já taes
por natureza e costume
que socego é por demais,
e louvando-se consume
e só se consume mais.
De nenhuma calidade
tem socego ou sogeição,
mas busca com liberdade
pera ter conversação
meninos de sua idade.

Porém, meninas como ella
que criaram com mais tento
cada uma em seu apousento,
diziam mil males d'ella,
por não ter recolhimento.
Já se murmura na praça,
a graça e desenvoltura,
e se em praça se murmura,
mais me parece desgraça
que graça nem fermosura.

Sahia só pera vêr
e achava mil pretendentes,
e dizem por entre dentes
que se a menina viver
será confusão das gentes.
Outros que murmuram mais
se a fermosura louvavam,
muita culpa aos paes davam
que eram inorantes paes
que filha tam mal criavam.

Outros diziam que a mãe
era só n'isto a culpada
que o pae não sabia nada;
que quando o soubera o pae
que fôra melhor criada.
Outros, que não pode ser
e que éra grande descudo,
tal filha não recolher,
que quem a deixa assim ser
não deve de ser sesudo.

Na honra d'este varão
d'esta dona e d'esta filha,
em qualquer conversação,
ajuntamento ou quadrilha
passam á sésta e o serão.
O que for pastor de ovelhas
d'este modo racionaes,
feche-as bem em seus curraes,
depois não torça as orelhas
se permittir casos taes.

E a que for pastora ande
vigilante na doutrina
que melhor é por que abrande,
que chore ella em pequenina
que chorardes vós em grande.
Não vos digo que o favor
a vosso filho não deis;
que é filho, seja o que for:
mas em rigor não podeis
deixar de mostrar rigor.

Maria quando mais cresce
mais se esquece da virtude,
e do pae, e mãe se esquece
o pae diz por que se mude,
que a filha já lhe aborrece.
Na janella, escada ou porta
falla, pergunta e responde,
não se esconde nem reporta,
mas no que importa se esconde
e faz o que não lhe importa.

Não ha canto que a não veja,
não ha homem que a não falle,
tudo quanto vee deseja,
se lhe mandam que se cale,
falla importuna e sobeja.
Pera tudo he despejada,
não cessa de arresoar,
sendo desarresoada
a todos quer ensinar,
sendo tão mal ensinada.

A todos quantos a vêm
affeiçôa por mil modos,
pede a todos que lhe dêm
e logo em lhe dando todos
torna a dar tudo o que tem.
E em qualquer conversação
diz palavras deshonestas,
d'onde eu tiro e com rezão,
que taes donzellas como estas
muito cedo o não serão.

Se a mãe triste e affligida
lhe estorva fallar e rir,
logo responde atrevida,
que hade fallar, vêr e ouvir,
e não enterrar-se em vida.
Isto que lhe contas na mão
com algum recolhimento,
quando por força lh'as dão
mais o faz por cumprimento
de que o faz por devação.

Se a mandam hir a orar
e rogar a Deus ao templo,
permita a queira salvar,
vae a que hade dar exemplo
dando a todos que fallar.
Não leveis filhas donzellas
a todas as devações
por que são occasiões
estas devações pera ellas
de serem devassidões.

Passatempos e deleites
busca pera recrear-se,
joias mil pera enfeitar-se
que quer com estes enfeites
fazer dos homens amar-se.
Os paes que de maravilha
no anno uma vez a vê,
não imagina que dê
ninguem joias pera a filha,
nem porque nem pera quê.

A mãe si; que a mãe só pode
vêr se do estrado se tira
se se bole, torce e se vira,
e mais que a isto não accode,
acode Deus com sua ira.
Vigiae, como fazia
com cem olhos o pastor,
que o pastor que não vigia
faz-se-lhe a ovelha que cria
mais e cada vez pior.

Olhae, que estaes repousando
de noite as portas fechadas,
e as filhas estão velando,
não velando em almofadas
recados dando e tomando.
Olhae que são infinitos
males que o demonio traça
e que quando estaes na praça
vossa filha escreve escritos
pode ser a quem a mata.

Olhae que diante de vós
chama qualquer vendedeira,
que servindo de terceira
sem ninguem sentir lhe poz
huma carta na algibeira.
Olhae que vem a birbanta
pedir esmola na escada,
e a filha alvoroçada
diz que athe se alevanta,
e dá-lhe a carta cerrada.

Olhae que vão pelas ruas
pregoando o que se vende,
e vossa filha que entende
ser pregão de cousas suas
dá sinal do que pretende.
Tudo isto Maria faz,
como moça inorante,
que como o demonio a traz
nos males, vae por diante
nas virtudes fica atraz.

Musicas, dansas, saráos,
tratar de noite de amores,
favores e desfavores
se ella tinha vicios máos,
isto lh'os fazia piores.
De doze annos pouco mais,
edade inda tenra e verde,
engolfada em vicios taes
perdeu o que se se perde
nunca se cobra jámais.

Porém n'esta occasião
de sua desaventura
diz mal em seu coração
de si e da fermosura
que foi sua perdição.
Passada toda esta furia
do caso que aconteceu,
logo tudo lhe esqueceu,
fazendo tamanha injuria
assi a seus paes e ao céo.

Quem te dissera, menina,
douda, simples, descuidada,
o preço da joia amada,
que diante a face divina
é tão querida e estimada.
Quem te pudera dizer
que vás cega sem sentido
e além de ires perder
que vas a um Deus offender
que não merece offendido.

Quem te dissera o perigo
torpe, feio e arriscado
a que te leva o inimigo,
dando comtigo em estado
que dá no inferno comtigo.
Quem te podera estorvar
o que contra o céo fazias,
que por breves alegrias
se assi se podem chamar
eternos gostos por dias.

Alma que de Deus se esquece
e executa um pensamento
que o demonio lhe offerece,
se algum tormento merece
merece o eterno tormento.
E fiado em teu Deus ser
brando e benino, pertendes
offensas tantas fazer,
por isso que tu o offendes,
não o houveras de offender.

E por que é difficultosa
a penitencia tão bella,
que fez a Egipcia fermosa
sê, como ella, virtuosa,
não peccadora como ella.
Não te engane a mocidade
e poucos annos, que vês
que passam com brevidade,
que os peccados que esta fez
excederam a pouca edade.

Não te enganem os curiosos
trajos fermosos e arreos,
vê como foram danosos
a quem com trajos fermosos
fez peccados muito feos.
Não te engane a fermosura,
porque n'ella não consiste
bem nenhum, gloria ou ventura,
tomar exemplo procura
n'esta fermosa que ouviste.

Hiam passando os doze annos,
e peccados não passavam,
e muitos homens mundanos
dos poucos annos pasmavam
tão viciosos e profanos.
Determinada Maria
de acabar de se perder,
e na patria não podia,
pera o poder fazer
se vae pera Alexandria.

Sae-se, desatinada
sem atinar, nem acertar
estrada, por desastrada,
mas como não hade errar
molher, e molher errada?
Cega com os olhos abertos
pelos desertos se entrega,
e na cidade e desertos
com os olhos claros cega,
quem usa taes desconcertos.

Como seu bom parecer
obrigava a quem a via,
e ella dar-se assi queria,
não tinha já que temer
quem a seu Deus não temia.
A mãe que teve esta filha
e viu o que succedeu,
se de nojo não morreu
será rara maravilha
quando não endoudeceu.

O pae, que a filha imprudente
por seus peccados cobrou,
era justo não vêr gente,
e se não se desterrou,
não o fez como prudente.
E assim devia de ser,
e não ser era impossivel,
por que quem chegou a vêr
filha tão douda e terrivel
avia de endoudecer.

Paes que tanto de impreviso
viram a filha perdida,
não basta vêr só sentida,
mas hão de perder o siso
quando não percam a vida.
Chega a Alexandria a dama,
e logo a fama corria,
que os homens traz si trazia,
e bem pode ser que os chama,
pelas chammas em que ardia.

Andava a falsa sirena
com seus raios abrasando,
com doce pena matando,
e a todos com doce penna
se não cantando, encantando.
Era tão livre e devassa
n'aquelle vicio infernal
que um só aceno a trespassa,
e com graça e liberal
a muitos se dá de graça.

De quanto cativa o rosto
interesse não repara,
antes se a algum se negára
por satisfazer seu gosto
ella seu gosto comprara.
Alguma gente presume
que podia entezourar,
mas como tem por costume
o diabo a lh'o grangear,
o diabo lh'o consume.

Dam-lhe como é ordinario
os homens liberalmente,
mas o inimigo adversario
faz logo pelo contrario
o torne a dar mui contente.
Quem n'esta vida suspeita
por máo caminho adquirir,
crêa que não lhe aproveita,
e que na outra aonde hade ir
dará d'isso conta estreita.

Esta que a Deus não acude
que é fonte de todo o bem,
como quer que Deus a ajude,
se ella por seu mal não tem
cousa que tenha virtude.
De maneira persevera
esta bruta desonesta,
que vive qual bruta féra,
ou como se não houvera
outra vida se não esta.

Traz o veneno encuberto
n'aquelle rosto sereno,
e quem lh'o vê de mais perto
ella com o doce veneno
tem o vencimento certo.
Tinha tamanha potencia
n'aquelle rosto fermoso,
que vendo aquella apparencia,
que athe o mais poderoso
não trata de resistencia.

Ella como os tem na rêde
d'aquelles olhos rasgados,
não pede ouro, nem cruzados,
mas por seus peccados pede
o que vem de seus peccados.
Houve mais nova invenção
do inimigo infernal,
que huma molher chegue a tal
que incite a qualquer varão
ao vicio torpe e carnal.

Aqui fez termo e deu fim
os feitos de hûa molher,
taes, que se pudera ser
fazer algum mais ruim
não deixara de o fazer.
E esta fermosa tam fea,
e de si propria inimiga,
a todos quantos recrêa
mata, captiva e obriga
por donde quer que passêa.

Não ha rua, canto ou praça
onde não faça sinal
a sua natural graça,
que hûa graça natural
que coração não trespassa!
Como era sua tenção
damnada, visto que trata,
não diz a ninguem de não,
e por se vender barata
perdia a reputação.

Se algum cobarde a pretende
vendo-a tam facil se anima,
e ella muy bem entende
que aquillo que mais se estima
he o que mais se defende.
Inda que a má natureza
he dura de se mudar,
de a ter tanto se présa
que nunca teve pesar
com o pezo d'esta torpeza.

Assim passa a triste vida
quem teve tão triste sorte,
porque a alma mais perdida
he a que vive esquecida
do juizo, inferno e morte.
Que se tivera lembrança
de juizo, morte e inferno,
tivera só bom governo,
fee, caridade e esperança
de ir reinar no reino eterno.

Mas que virtude hade ter
quem nunca teve verdade,
de a seus paes obedecer,
por escrava se fazer
da torpe sensualidade.
Alma inorante e innocente
se não te hade dar o mundo
mais que o mal que tens presente,
teme as penas do profundo
que é fogo eterno e ardente.

Por mais males que tens visto,
em Deus nunca são incertas
as misericordias, crê isto,
que cinco portas abertas
te tem para a gloria Christo.
Chega, não tenhas temor,
por mais peccados que tenhas,
que vens a tão bom Senhor
como arrependida venhas
que pasmes do seu amor.

E em quem teus mil perdões certos
que he seu costume perdoar,
esses outros desconcertos,
e mais pera te abraçar
tem já os braços abertos.
Chega áquelles pés sagrados
essa bocca peccadora,
rasga esses olhos rasgados
verás que logo quem chora
Deus perdôa seus peccados.

Isto houvera de fazer
aquella que não fazia
mais que a seu Deus offender,
mas Deus lhe tem lá seu dia
em que a seu Deus hade vêr.
Inda n'esta terra andava
quem fazia a Deus offensas
como sempre costumava,
e Deus nunca lhe negava
misericordias immensas.

Não havia occasião
em toda aquella cidade
de que não lançasse mão,
sendo senhora a vontade,
e sendo escrava a rasão.
E em vendo quaesquer acenos
a profana dissoluta
era tão sagaz e astuta,
que com grandes e pequenos
seus feitos máos executa.

Mas se nos primeiros annos
mundanos a perseguiam,
depois que os annos corriam
ella seguia aos mundanos,
por que elles a não seguiam.
Como o viver de estragado
estraga o corpo mortal,
este fermoso animal
já não era tão presado
por se presar de sensual.

Passa o tempo brevemente
com muita velocidade,
e quando está mais contente
que te parece que mente
em ti se encherga a verdade.
Por esta o tempo passou,
mas vingou-se o tempo d'ella,
que como quem acordou,
olhou para si e achou
que já não era tão bella.

Concertando um dia o rosto
e vendo que a côr perdia,
triste o concerta outro dia,
e vê que quanto tem posto,
que no rosto lhe morria.
Sente notavel tormento
na côr que perdida traz,
porém cega-a satanaz,
que não tenha sentimento
de quantos peccados faz.

Affligem-na mil receos,
d'esta negra côr perdida,
e perdida e esquecida
de seus peccados tão feos
não vive nada affligida.
Pera a falsa fermosura
com que a Deus hade offender,
faz uma e outra postura,
mas para se converter
nenhum remedio procura.

Com diligencia maldita
solicita só peccar,
e quem isto solicita
devera solicitar
ver a bondade infinita.
Molher fraca, que tão forte
vives com teu máo governo,
teme a Deus justo e eterno,
e hûa supitanea morte
não dê comtigo no inferno.

Não acabava a vil dama
de dar fim a seu vil trato,
pois sendo de Deus retrato,
não acode a Deus que a chama,
com seu coração ingrato.
Dá-lhe a penitencia brados,
ella não quer acudir,
por que os torpes desenfados
não lhe consentem ouvir
senão brados de peccados.

Bate-lhe a infermidade
ás portas do coração,
toca-lhe a necessidade,
ella a todos diz que não,
senão á sensualidade.
Nenhumas virtudes podem
entrar n'esta fortaleza,
por que acham gram defeza
nos inimigos que acodem
por a parte da torpeza.

Cega, sem lastro navega
no largo mar d'este mundo,
e tanto ao fundo chega,
que por ir sem lastro cega
já vae perto do profundo.
Mas quando o mundo não vir
remedio a tal desatino,
e ella mais resistir,
o bom piloto divino
n'essa hora hade acudir.

Não cuide jamais ninguem
de achar as portas cerradas
dos remedios que Deus tem;
mas não o offendam tambem,
que ha horas desastradas.
Fermosura e galhardia,
ser discreta e agradavel,
já vae perdendo Maria,
mas o trato não perdia
tam infame e miseravel.

Ia crescendo a edade
e faltando o parecer,
e com a edade crecer,
não falta a propria maldade,
e o mesmo máo proceder.
O tempo bem a ameaça,
e tambem o Céo a espéra,
a que penitencia faça,
mas cada vez mais devassa
mais contra o céo persevera.

Vinha-lhe á memoria já
ser despresada de muitos,
o que mais sentindo está,
que estes são os tristes fruitos
que o falso mundo lhe dá.
Mas não lhe vinha á memoria
o que a sua alma convinha,
nem á memoria lhe vinha
como a vida transitoria
acaba e fenece asinha.

Não tinha por pensamento
hum pensamento no mais,
de como estava de assento
com seus peccados mortaes,
taes que eram de cento em cento.
E c'os desejos accesos
com que vivia abrazada,
sente não ser requestada
soffrendo muitos despresos,
de quem fora já presada.

Imaginava esta tal
quando a occasião não tinha
que mal por isso lhe vinha,
e Deus permitte este mal
pera o bem que lhe convinha.
Por mais afflicto que seja
um coração muito afflicto,
quando sem remedio esteja
quer Deus alto e infinito
que o poder de Deus seja.

Ia como por degráos
perdendo a triste molher
alma, corpo, gosto e sêr,
que por caminhos tão máos
tudo se póde perder.
E com a sensualidade
que nas entranhas encerra,
por fartar sua vontade
se sae fóra da cidade,
ás praias d'aquella terra.

Vendo um navio, que estava
no meio d'aquelle rio,
a hû mancebo perguntava
se sabia do navio
para onde navegava.
Elle vendo o sobrescrito
da molher, sem dilação
diz que vae a embarcação
ao mar de Lybia do Egito,
e que a Jerusalem vão.

E que emquanto não partir
se ella por alli tornasse
que quizesse consentir
elle a servisse e amasse,
que a quer amar e servir.
Fez o homem o que devia
pode ser por cumprimento,
mas ella em seu pensamento,
cumprimentos não queria
se não cumprir seu intento.

Ella por assegurar
a sua tenção malina,
diz que se a quizer levar
áquella terra divina
que se pretende embarcar.
Elle se espanta e entende
que a molher o tempo passa,
e que d'elle se defende,
que é passatempo e graça,
o que ella diz que pretende.

Porém, que se ella quizer
e fizer matalotagem
pera a viagem fazer,
que não lh'hade defender,
pagando-lhe sua passagem.
A dama alegre e risonha
sem vergonha lhe dizia,
que a si mesma se daria;
por que quem perde a vergonha
isto e muito mais faria.

No navio aonde entrar
quem vae tam de monte a monte
peccando sem descansar
será a barca de Caronte
que ao inferno vae parar.
Não houve outra embarcação
aonde for corpo tão máo,
se a náo tiver perdição,
ninguem pergunte a rasão
por que se perdeu a náo.

A molher se resolveu
em se querer embarcar,
porém o mar não temeu;
que mal temeria o mar
quem nunca temia a Deus?
Tem hû peccador indino
hû aver que a terra teme,
chora, sospira e geme,
e o mar treme de contino,
e esta molher não treme.

Entra no profundo lago,
governa o tempo galerno,
mas está com máo governo,
faz nas almas tanto estrago
que as leva ao lago do inferno.
Quê fero e bravo inimigo
é este ladrão de casa,
que estes levam comsigo
que toda a náo se lhe abraza
e nenhum vê seu perigo?

Todos se estão abrazando
n'este fogo de monturo,
torpe, sujo e miserando,
e cada hû está seguro,
comendo, rindo e folgando.
A causa do incendio triste
em tudo quer consentir
a pobre gente que assiste
pode ser que lhe resiste,
mas não lhe pode fugir.

Quem d'esta arte marear
pera se perder governa,
e quem a si governar
não se queixe se for dar
nos baixos da pena eterna.
Se algum o seu fogo apaga
porque a queimar-se não venha,
esta molher ou esta praga
anda buscando mais lenha
com que tudo cedo estraga.

Se esta infernal occasião
na náo a trazem nas palmas,
como não se perderão
e mais perdição das almas
que he a maior perdição.
Se alguma fazenda traziam
que perdel-a arreçeavam
pelo descuido em que andavam,
mais a fazenda temiam
que os peccados que causavam.

•

Eis aqui o caso horrendo
que esta molher foi fazer
logo na náo se mettendo,
porque vejam uma molher
que males faz em querendo.
Diz que vae á terra santa
beijar a Cruz celestial,
que as almas ao céo levanta,
e ella he terra infernal,
que céo, terra e mar espanta.

Como hasde chegar a vêr
a Cruz sagrada em que Deus
por todos quiz padecer,
se nunca chegaste a ter
hû pensamento nos céos?
Como podes vêr aquella
Cruz soberana e excellente,
se tu no retrato d'ella
hûa lagrima não deste
áquelle que morreu n'ella.

Vaso tão sujo e tão leve
por leve Cruz não hade olhar
que o pezo do mundo teve,
e por sujo não chegar
adonde a pureza esteve.
Olha onde põe a prôa
essa miseravel náo,
que se não der n'um calháo
não pode ter viagem boa
quem vae em estado tam máo.

Deita da alma uma corrente
e deixa a agua onde vás,
que melher viagem faz
pelas lagrimas sómente
que pelo mar d'onde jaz.
Levas um mar de peccados
dentro n'esse coração,
n'esse mar largo embarcados
vae-te ao mar da confissão
onde serão perdoados.

Acude aqui a este mar,
que se a este mar acodes
tudo podes alijar,
e se alijas quanto podes
podes em graça ficar.
Sabes que cousa tão rica
é por os olhos no céo,
que o mesmo céo fortifica,
que assim um peccador fica
como á hora em que nasceu.

Ao céo a Egipcia brada,
conhece com mil suspiros
porém são brados perdidos,
que o céo não lhe ouve nada,
e á terra só dá ouvidos.
Espantando-se da furia
da agua que a náo levanta,
e com ser a furia tanta
do fogo sua luxuria
nem faz caso, nem se espanta.

Assentada no convés,
nota do mar a mudança,
e ella vivendo ao revés
não faz mudança, nem cança
mas faz o que sempre fez.
E por seu mal vae fazendo
e fazendo tanto mal,
e a náo sem deixar sinal
entretanto vae correndo
pelos campos de cristal.

Leva a carga tão pezada
que vae metida no fundo,
e a Egipcia carregada
do demonio, carne e mundo
cuida que não leva nada.
Tem por má fortuna a calma
a tormenta alli empuna,
o mar que é cousa importuna,
mas a má fortuna d'alma
não tinha por má fortuna.

Com irem sobre um páo
tão arriscados á morte,
n'aquelle estado tão máo,
Deus justo, benino e forte
lhe vay governando a náo.
Cuida o piloto contente
na consciencia remoto,
que era piloto valente,
mas o excellente piloto
he Deus benino e excellente.

E desejando que o céo
lhe mostrasse o santo porto,
logo o céo com elles deu
no porto d'onde foi morto
Deus que por nós padeceu.
Acabando com bom vento
de a salvamento chegar,
estão longe de acabar
de chegar ao salvamento
que as almas lhe hade salvar.

Logo em terra se lançou
aquelle saco de terra
que a terra e mar sujou,
fazendo tão dura guerra
ao mesmo Deus que a criou.
Abraçada como os demais
beijava a terra divina,
já pode ser, dando ais
por conhecer não ser dina
de abraços e beijos taes.

Nem podia menos ser,
quando Deus a trouxe em paz,
que trazer Deus tal molher
foy para o fazer capaz
de eternos bens lhe fazer.
A triste leva alegria
de entrar na terra amada,
e porque foi costumada
de ter sempre companhia
folga de ir acompanhada.

E com os mancebos que vão
vêr a reliquia divina
quer ir em conversação,
que uma má inclinação
sempre pera mal se inclina.
Ia lançando seus raios
a todos quantos a vêm
mas estava-lhe mais bem
fazer mais santos ensaios
pera ir a Jerusalem,

O peccador que quizer
ir ver a arvore sagrada
aonde Deus quiz padecer,
nenhuma cousa hade vêr
mais que o que fez Deus de nada.
Esta de nada foi feita,
porém por ter feito tanto
tanto em ser vã se deleita
que inda agora não respeita
o logar divino e santo.

Arrebenta com vaidade,
sem sujeição arrebenta,
dá-lhe gosto a liberdade
a razão não lhe contenta
faz a vontade á vontade.
Era afavel, doce e branda,
a rêde com que enlaça,
e a negação com que anda,
e em fazendo a negaça
logo a tudo se desmanda.

N'isto o caminho gastou
com desenvoltura tanta,
que como o dia chegou,
da Cruz soberana e santa,
ver a Cruz determinou.
Vae no concurso da gente
que de muitas partes sae,
ver a arvore excellente,
e como a ver a Cruz vae,
já vae muito differente.

Estava a porta fechada
do templo santo e felice,
e Maria alvoroçada
desejando que se abrisse
por vêr a Cruz desejada.
Abriu-se a sua hora certa
e entraram com alegria,
sómente pera Maria
não estava a porta aberta,
inda que aberta se via!

Considera aqui christão,
isto que tanto te importa,
que todos ao templo vão,
e só esta não tem porta
por cerrar seu coração.
Arremete a miseranda,
com a gente arremete,
trez vezes remette e anda,
mas que anda e remette
quem contra Deus se desmanda ?

O povo ao templo corre
por vêr a divina arvore,
que ao mundo livra e soccorre,
Maria está como torre
feita de bronze e de marmore.
Como a triste ficaria
vendo-se em tão triste ponto,
sem ver a Cruz santa e pia,
que de lagrimas sem conto
da alma derramaria !

Quem ouviu estes gemidos
do alto e eterno assento
pera todos tem ouvidos,
mas são gemidos perdidos
não tendo arrependimento.
Mete-se a triste molher
triste a prantear n'um canto,
mas por mais pranto fazer
maior devia de ser
a causa d'este seu pranto.

No coração Deus lhe toca
lá do céo com sua mão,
que um toque d'esta feição
faz que manifeste a bocca
que está aberto o coração.
Aberto d'esta molher
aquelle coração duro,
acerta os olhos erguer,
e vê o retrato puro
de quem Jesus quiz nascer.

E como á porta da Igreja
viu esta Virgem e Senhora,
chora, que a Cruz vêr deseja;
e a Virgem vendo que chora
pede a seu filho que a veja.
O Filho amado que a viu
já tocada e convertida,
na petição consentiu,
e mais porque lh'o pedia
mãe tão pura e tão querida.

A triste de amor accesa
de Deus, não como d'antes fôra,
lhe diz: — Não é justo, princeza,
que tão suja peccadora
veja a phenix da limpeza.
Nem que a minha fealdade
veja vossa fermosura,
nem que a Virgem tão pura
veja a torpe sugidade,
de tam suja criatura.

Nem é justo que se faça
graça nenhuma á molher
que esteve em vossa desgraça,
quanto mais chegar a vêr
a quem he chea de graça.
Mas por quem sois, permitti,
que entre n'esta santa Casa,
por que o fogo que ha em mi
he já fogo que me abraza
por vêr o Deus que offendi.

Deixae-me vêr a Cruz bella
onde padeceu Jesus,
tirae-me a cruz de não vel-a,
e logo dae-me outra cruz
pera morrer por Deus n'ella.
Confesso que fui molher
de coração tão perverso,
que não mereço a Cruz vêr,
por me atrever de offender
quem defendeu o universo.

Confesso que andei errada,
e que vêr-vos não mereço,
confesso que sou culpada,
e tudo isto confesso,
por vêr a Cruz confessada.
Acabada a confissão
e uma contricção tão rara,
alevanta-se do chão,
que ninguem se levantara
se Deus não lhe dera a mão.

E logo em se levantando
se levanta estremecida,
que quiz o dador da vida,
que quem não tremeu peccando
que tremesse arrependida.
E fóra já de trespasso
e terrivel accidente,
vae contente passo a passo,
como entra a outra gente
entra ella sem embaraço.

Abriu mais claros seus olhos,
e olhos do coração,
os quaes olhos té então
olharam muitos abrolhos,
que abrolhos peccados são.
E como perdão já tinha
d'aquelle trato profano,
o madeiro soberano
viu da saude e mézinha
de todo o genero homano.

Abaixa-se e põe a bocca
n'uma pedra dura e fria,
e logo como se erguia,
a Cruz soberana invoca
sua ajuda, emparo e guia.
Que já que sua potencia
em tal santo estado a tem,
que estado de innocencia
lhe desse agora tambem
estado de penitencia.

Que pois a mão celestial
fez-lhe angelica mudança,
que da carne sensual
promette tomar vingança,
que lhe fez tamanho mal.
Que já que andou com enganos
tantos annos divertida,
promette tel-a affligida
outros tantos e mais annos
até acabar a vida.

Que hade haver gram differença
a vida que hade fazer,
e a carne, por offender
a summa bondade immensa
justo castigo hade ter.
Que se esta carne traidora
the agora a trouxe enganada,
que saiba tambem agora,
se até agora foi senhora
que agora hade ser criada.

Como não se determina
do que hade fazer não sabe
quer a vontade divina
que hùa voz serena e grave
o que hade fazer lhe ensina.
E ella com o sentido então
pronta adonde a voz nacia,
a santa voz lhe dizia:
Se passares o Jordão,
terás saude, Maria.

Ella disse ouvindo os brados
que a vem do céo avisar:
— Como não heide passar,
se passou por meus peccados
Deus, que m'os quiz perdoar
Mas que passe ao Occidente
logo donde o val nace,
passe pelo fogo ardente
que quando por vós o passe
tudo passarei contente.

Passe a morte mais atroz
que o mundo não tenha visto,
que a tudo e mais se poz
quem quer passar tudo isto
só por passar pera vós.
Sahiu-se fazendo á Cruz
o que he bem á Cruz se faça,
mas não vae fazendo praça,
porque a graça de Jesus
a tocou com sua graça.

Do que a voz do céo mandou
informa-se muito asinha,
e logo como se informou
de trez dinheiros que tinha
compra trez pães que levou.
Já a Egipcia soberana
que a ir só se determina
do mundo se desengana,
que como vae tão divina
não quer ir com gente humana.

N'algûa occasião sente
gente que ao Jordão caminha,
e por ir tão differente
do estado que antes tinha
não vinha pera ver gente.
Caminha a santa molher
sem temer nenhum perigo,
dando ao mundo a entender
que quem leva a Deus comsigo
não tem nada que temer.

Está já tão esquecida
d'homem algum, de qualquer sorte,
que vae forte e reduzida
fugir d'elles até á morte,
pois lhe deram tão má vida.
Levanta os olhos aos céos,
e diz alto e jocundo:
Rei da gloria e do profundo,
vivi no mundo sem Deus,
agora com Deus, sem mundo.

Quando merecia a morte
quero dizer morte eterna,
vem vossa mão santa e forte
de tal sorte me governa
que me deu ditosa sorte.
Torna com muita humildade
a pôr os olhos no chão,
dizendo: Deus da verdade,
lá tendes hum coração
de coração e vontade.

Bem sei que o que me encaminha
era esta amisade vossa,
mas o mundo me detinha
pera ser sua e não vossa,
por não ser vossa nem minha.
Porém, depois que me poz
vosso amor tão longe d'elle,
sem elle heide ir pera vós,
por que não podemos nós
ir a vós mettidos n'elle.

Com esta conversação
vae a Egipcia bem contente,
sem consolação de gente,
porque no seu coração
conversação de Deus sente.
Ia já chegando á vista
d'aquelle rio sagrado,
aonde foi bautizado
por mão do grande Baptista
o Verbo eterno encarnado.

Já desejava de dar
principio ao que Deus manda,
que era ao Jordão chegar,
e passar á outra banda,
e d'alli ao céo passar.
Deseja o rio de vêr,
por se vêr no desafio
que com a carne hade ter,
e fazer por lhe fazer
tambem de longe outro Rio.

Indo consultando n'isto
no pensamento divino,
que o céo lhe tinha já visto
vê o licor cristalino
onde se bautizou Christo.
Chega á margem da agua santa
e fazendo o sinal n'ella
que a furia infernal quebranta,
logo inclinando a garganta
derrama outra agua sobre ella.

E diz: Meu Deus, se tivera
feita a santa penitencia
que no dezerto me espera,
pedira a vossa clemencia
que n'esta agua fenecera.
Mas é divida precisa
que desejo de cumprir,
pois me salva e eternisa,
nem mal quererei fugir
d'este bem que o céo me avisa.

Ficou sentado um pequeno
junto a agua por banhar-se,
suspirando por achar-se
já n'aquelle prado ameno
do dezerto a recrear-se.
Porém logo se levanta
the ir cumprir a promessa,
que seu coração não cessa
e entrando na agua santa
o santo rio atravessa.

Aqui pouco se deteve
por que Deus quer o que quer
que se faça em tempo breve,
e por fazer o que deve
faz o que deve fazer.
E como estava tão perto
o deserto que buscava,
meteu-se pelo deserto
por que é certo que estava
n'elle todo o seu bem acerto.

Vae segura a bella dama
no amor que seu Deus lhe tem,
que quando Deus lhe quer bem
se para o deserto a chama
a chama á gloria tambem.
Chega ao seu jardim de flores
aonde pretende morar,
ella só com seus amores
amante que lhe ade dar
como costuma favores.

Procura o que é necessario
pera dormir e comer,
de modo que se viver
o inimigo adversario
que se possa defender.
Uma pedra á cabeceira
em que hade estar encostada,
para dar uma pedrada
á carne, que ainda que queira
não seja d'ella tentada.

A comida mais perfeita
que hade ter em toda a vida
hade ser uma comida
como a cama em que se deita,
dura, fria, desabrida.
Será pam o que o tempo fez
tão duro e de tal feição,
que é já mais pedra que pão,
por ser pão d'aquelles tres
com que passou o Jordão.

Não dá ao seu corpo mais
que só do deserto as ervas,
porque com Deus ervas taes
são saborosas conservas,
e manjares cordiaes.
Mas do mundo as perfeições
e comêres desejados
e as invenções de guisados
não são outras invenções
mais que numeros de peccados.

Junto á santa a uma fonte
que ao pé de um monte nacia,
bebe o licor que corria,
come das ervas do monte
com mil montes de alegria.
Ali tem jantar e cêa
sem ninguem lh'o offerecer,
passea por onde quer,
e adonde quer se recrêa,
sem a seu Deus offender.

Já não quer conversações
de homens falsos lisonjeiros,
quer leões por companheiros,
que homens foram leões,
e aqui leões são cordeiros.
E se nos homens é certo
que nunca se acha verdade,
mais vive á sua vontade
entre as féras do deserto
que com homens da cidade.

Daes a um animal bom trato
e tem tão bom natural,
que com ser bruto animal
em nehum caso é ingrato,
antes amigo leal.
Que o homem que tem rezão
sem rezão é sem verdade,
o beneficio e amisade
paga com ingratidão
em mentira e falsidade.

D'isto a nossa penitente
viu tão claro o desengano,
que foge por não ver gente
do enganoso trato humano
para o deserto contente.
Andava n'elle uma féra
perto donde a santa anda,
mas quem tudo move e manda,
faz que a Santa não se altera
e a féra que seja branda.

Era um leão temeroso,
que com justa causa espanta,
mas Deus todo poderoso
faz com que á vista da Santa
seja brando e amoroso.
O monsto era de maneira
que toda a terra ameaça,
porém a divina graça
deu graça á sua cordeira
que cordeiro um leão faça.

Quem venceu tamanha empreza
que a si mesma venceu,
a féra da mór braveza,
faz em seu favor o céo
com que mude a natureza.
A' vista da Santa vinha
muitas vezes um Leão,
mas não mostra a condição
da natureza que tinha,
porque tinha mansidão.

Mostrava feró semblante
nos movimentos que faz,
e a Santa firme e constante
não tornava para traz,
nem o leão para diante.
Não alcança o que pertende
Leão tão fero e terrivel,
e vendo que não offende,
com os olhos no céo entende
que tudo a Deus é possivel.

Bem mostra o leão e o prova
que fazer mal não queria,
porque quando a noite via,
se tornava a hûa cova
para tornar ao outro dia.
O leão mostra-lhe affeição
e ella não lhe tem horror,
por que até com um leão
a muita conversação
tira o medo e cria amor.

Vendo a dita molher
o leão que se despede
sem nenhum mal lhe fazer,
entende isto proceder
de quem todo o bem procede.
Que em qualquer occasião
um leão busca a quem mate,
e agora o mesmo leão
se lhe humilha e se lhe abate,
que o céo a tem de sua mão.

Que não pode ser sem faltar
que um leão não se desmande,
e ella não se sobresaltar,
sem que do céo lhe mande
ajuda celestial.
Isto tinha para si,
quem por si tudo isto tinha,
e Deus o ordenou assi,
todo o tempo que alli tinha
ao leão que vinha alli.

Os que põem seus corações
aonde os hão de pôr sómente,
mais podem fugir da gente,
que de tigres e leões,
como a nossa penitente.
Vendo os divinos sinaes
e milagrosos, a Santa,
n'este rei dos animaes,
os olhos ao céo levanta
dizendo palavras taes:

—Senhor, que tão offendido
fostes d'esta peccadora,
e vós tão brando e soffrido,
merecendo a cada hora
um castigo nunca ouvido.
Agora acabo de vêr
vossa infinita grandeza,
eu sempre a vos offender,
com minha infame torpeza,
e vós sempre a me soffrer.

Vêr-me de vós amparada,
que vos offendi já tanto,
em parte estou espantada,
mas por outra não me espanto,
que vós sois Deus, eu sou nada.
Quando cuido as vossas traças
por meu bem tão exquisitas,
de perigos e ameaças,
dou-vos infinitas graças
mas nunca posso infinitas.

Vossa infinita clemencia
essa sim que é sem medida,
e tomara eu sem falencia
trezentos annos de vida
pera os ter de penitencia.
Só pera dar a entender
quando esta vida me deis,
que não era por viver
senão para padecer
parte do que mereceis. —

N'este passo se levanta
sem fôlego de fraqueza,
que era a fraqueza tanta
que não pode a natureza
dar mais alento á garganta.
No logar onde se punha
de joelhos em oração
da muita continuação
era boa testemunha
o que corre pelo chão.

Logo que teve acabado
a contemplação divina,
e o corpo fraco e cansado
desejou vêr-se em estado
para tomar deciplina.
Sobre as ervas se assenta
comendo das mesmas ervas,
porque o Senhor com taes servas
as ervas com que as sustenta
são saborosas conservas.

E tomando algum alento
das ervas do pé do monte,
que já tinha por sustento,
passeando n'um momento
chegou a hûa fresca fonte.
A fonte era natural
e tal que a Santa se alegra,
e por ser tão doce e tal
com a mão já do tempo negra
toma o licor de cristal.

E detendo-se um pequeno
vendo a agua cristalina,
correr pelo prado ameno
deu graças ao céo sereno
não sendo de tal bem dina.
Dá volta como costuma
á pedra d'onde repousa,
por que o corpo não presuma
que pode ter outra cousa
se não com que se consuma.

Porém, deseja viver
e padecer tudo isto
athe por Christo morrer
que o mesmo é viver com Christo
que por Christo padecer.
Sentada na pedra fria,
fazendo de si despreso,
dos cabellos se cobria,
cabellos que já algum dia
alguem ficou n'elles prezo.

Porém do tempo o rigor
a ella e á cabelleira
fez perder a tudo a côr,
e a seu Deus d'esta maneira
sempre pareceu melhor.
Não tinha sobre si mais
que pedaços de um vestido
de casa inda de seus paes,
como edificio cahido
de que ficaram sinaes.

Aqui o melhor que tinha
foi que tinha em memoria
o que á sua convinha,
que era o caminho da gloria
pera onde sua alma caminha.
E tinha visto e bem perto
experimentado a verdade,
que estava alli no deserto,
e da gloria mais perto
do que estava da cidade.

Quando era acaso atentada
do que já sohia a ser,
da triste vida passada
logo para a socorrer
Deus não lhe faltava em nada.
Quer mais estar affligida
de calma, de fogo e sêde,
de sol queimada e despida
que quanto o mundo concede
de riquezas n'esta vida.

Quer mais padecer tormento
por quem tormento padece
de frio, neve e vento,
que quanto o mundo offerece
de bens e contentamento.
Quer mais áquella saudade,
ás ervas, á fonte fria,
e de um leão a amisade
que a falsa e má companhia
da confusão da cidade.

Este verdadeiro amor
com tanta razão queiraes,
que os bens do mundo são taes
que vos deixam no melhor,
e vós tambem os deixaes.
E está tão segura e certa
da parte do amor divino,
que lhe pede do contino
a livre da vida incerta
de um pensamento malino.

Que lhe tire da memoria
memoria que tanto a cança,
pois lhe ordenou tal mudança
que não quer mais que na gloria
ter a memoria e lembrança.
Um pensamento que mente
do falso mundo não quer,
mas que quando lhe vier
pera padecer sómente
contente quer padecer.

Que elle por sua clemencia
a fortaleça e conforte,
na sua fraca austinencia
a que morra em penitencia
como penitente forte.
E este discurso fazia
com a mão dobrada na face
quando Phebo mais se erguia,
e sem temor que a trespasse,
porque n'outro fogo ardia.

Já pela continuação
este sol a não queimava,
que o sol divino que estava
dentro do seu coração
o outro sol temperava.
Não teme os raios ardentes,
nem recêa a grande calma,
que outros raios mais potentes,
mais abrazados e quentes
lhe estão penetrando n'alma.

Quando Jesus, sol divino
entra n'alma e lhe acode
nenhum planeta inimigo
benevolo nem malino
bem nem mal fazer lhe pode.
Dando o sol fim á carreira,
ficou de noite na pedra
por ser cama e cabeceira
que d'esta maneira medra
huma alma d'esta maneira.

Como a regalada vida
manjares estima e ama,
e a cama branda e querida;
ervas são sua comida,
e huma pedra dura a cama.
Quer sempre estar contraposta
a todo o gosto e prazer,
e por gosto não querer
se de alguma cousa gosta
é ter gosto de o não ter.

Ia correndo em tanto
da noite o curso apressado,
e da Santa o agasalhado
era grande e negro manto
de boninas semeado.
O corpo que amanheceu
cuberto de frio orvalho,
o trabalho não soffreu,
que com tam pouco trabalho
rebelde lhe pareceu.

Mas a alma santa e bella
já não faz do corpo caso;
por que elle não o fez d'ella,
dando-lhe elle sempre azo
pera offender a Deus e ella.
Já que elle quiz recrear-se
offendendo terra e céos,
a alma pera salvar-se
n'este caso ordena Deus
que ella pertenda vingar-se.

N'este tempo a bella aurora
descobria os altos montes,
e aquella que d'alma chora
fazendo seus olhos fontes
ao Autor de tudo adora.
E da maneira que estava
não de nenhum leito brando
onde estivesse deitada,
descalsa vae passeando
só, fraca e de madrugada.

Vae segura e sem temor
que seu Creador a segura,
que depois que o falso amor
engeitou da criatura
lhe quer bem seu Creador.
E está-se revendo n'ella
como n'um puro cristal,
por que ella é tão pura e tal
que a seu Deus pareceu bella,
parecendo ao mundo mal.

Descalça e despida andou
despresando a gloria falsa,
com que o mundo a enganou,
e por despida e descalsa
Deus d'ella se affeiçoou.
Dos cabellos só se presa
não pela belleza d'elles,
que já não tinha belleza,
mas por se cobrir com elles
e lh'os dar a natureza.

Se crêra que por alli
gente humana não passara
por não os ter os cortara,
que para cortar por si
vontade não lhe faltara.
Era pera si tão crua
que tinha grande desejo
não vêr alli cousa sua,
mas não o fez por ter pêjo
que as féras a vissem núa.

Quiz o alto Omnipotente
mostrar maravilhas taes,
que tinha uma penitente
vergonha dos animaes
pois o não teve da gente.
O corpo a esta sesão
a refeição lhe pedia,
mas o espirito então
em logar da refeição
com desciplina acudia.

Não se quer desenganar
do corpo fraco e imperfeito,
que emquanto a vida durar
não lhe hade guardar respeito
pela alma assim segurar.
E por que nem ervas coma,
posto que só ervas come,
pera que morra de fome
humas varas na mão toma,
porque esta refeição tome.

E como assim não repousa,
pela alma repouso ter
dar-lhe alguma cousa quer,
e dando-lhe alguma cousa
assim começa a dizer:
— Tomae, por que me pedis
os manjares que não tenho,
e pelo que já vos quiz
por meu bem a fazer venho
o que por meu mal não fiz. —

N'isto affastou o cabello
que tem posto por detraz,
presando-se já de tel-o,
mas era no tempo atraz
que o tinha dourado e bello.
Levanta sem embaraço
o braço ligeiro e prestes,
e logo abaixando o braço
diz ao corpo: — Isto vos faço
pelo que vós me fizestes.

Deus andava a estorval-o,
e vos não se vos dar d'isso;
não sei porque me não calo,
que tremo só de cuidal-o,
quanto mais de fallar n'isto.
Hei vergonha d'estes rios,
d'estas ervas, d'estes montes,
fallar em meus desvarios
e de não correr em fios
sangue d'estas duas fontes.

Eterno Deus, que o perdão
qualquer peccador tem certo,
com perfeita confissão
não basta estar no deserto
se não está o coração.
Trazendo este falso amigo
do corpo, que tal me poz,
não sei fugir do perigo,
e se o não trouxer commigo
não padecerei por vós.

Bem sei que me dá concordia
corpo em deserto viver,
que se viver em discordia
a vossa misericordia
não poderá merecer.
Deu sinaes a natureza
de não poder fazer mais,
mas do espirito a fortaleza
tambem mostrava sinaes
que não fazer mais lhe pesa.

E como estava de assento,
n'aquelle exercicio santo,
deixou o santo estromento
que pera poder com tanto
tomou entretanto alento.
Porque sabe que não erra
quem cuida em terra e pó
dando cõ os braços um nó,
sabendo que é pó e terra
falla assi comsigo só:

— Quem n'isto se hade tornar,
considere muito n'isto,
e torne a considerar
que se não buscar a Christo
sem Christo aonde hade ir parar?
Quem se atreveu a offender
o Senhor do firmamento
sem penitencia fazer
faça conta que hade ter
sem conta pena e tormento.

Pois sou bicho tão pequeno
me condeno a mal tão grande,
e por nada me condeno
que razão ha para que ande
penando pelo que peno?
Que busca eterno Senhor
quem vos não busca e vos chama
que ama não vos tendo amor,
que amor tem quem vos não ama
sendo vós puro amador!

Quem ha, meu immenso pay
que em vos buscar faz detença,
se ha tamanha differença
dos bens que no mundo hay
a vossa bondade immensa.
Desata os braços atados,
e beijando a terra fria,
abrazada em seus cuidados
se vae, seus passos contados,
á parte donde assistia.

Vendo que era já rasão
pera a alma ter saude
dar ao corpo refeição
as ervas tomou na mão
onde sempre achou virtude.
Dizendo: — Que medicina
n'estas ervas escondestes
potencia santa e divina
e que sentido me destes
contra esta fome malina.

Eu fui, meu Deus, um doente
que estava doudo e fernético,
e vós, medico excellente,
como soberano medico
me curaste de repente.
Fui um étigo e um tizico
incuravel e pior,
e vós meu fizico-mór,
quizestes como mór fizico
curar-me com vosso amor.

E agora como o enfermo
que se pode já erguer,
vêm a este ermo a viver,
por que he natural no ermo
o enfermo convalescer.
E como as ervas que como
quando d'aqui me não mude,
a vossa graça me ajude,
co' regimento que tomo
minha alma terá saude.

Comeu e ficou quieta
dando graças ao Senhor,
que por seu immenso amor
lhe poz na simples dieta
tanta sustancia e sabor.
Logo a mansa cordeira
sobre a pedra se encosta,
que tem pósta a cabeceira
donde uma cruz tem posta
a quem diz d'esta maneira:

E por que chorando tanto
em lagrimas se consume
fallando ao madeiro santo
como tinha de costume
torna a renovar seu pranto.
E diz: Arvore felice,
que ordenaste por tal modo
curando minha doudice
que vos visse o mundo todo,
e que só eu vos não visse.

Pera que ficando alli
visse em que estado me poz,
o não querer vêr-me a mi,
mas logo como me vi
entrei a vêr-vos a vós.
Trez vezes arremetti
sentindo mui grande affronta,
e na affronta que senti
me sentir cahir na conta
que fôra porque cahi.

Tratei por me levantar
de meu miseravel estado,
não levantar do logar,
mas levantar do estado
pera nunca mais peccar.
Aqui por vossas virtudes
me tendes de mãos e peis,
não quero que me enxugueis
lagrimas que dão saude,
senão que as accrescenteis.

Quem em vós esteve posto
quando o mundo resgatou,
com immenso amor e gosto
gotas de sangue suou
pelo seu sagrado rosto.
E estas lagrimas que estão
por este meu derramadas,
amadas do Deus serão,
que todas são d'elle amadas
choradas do coração.

Conheço, sagrada Cruz
mercês que Jesus me fez,
quando a adorar-vos me puz,
e que mercês de Jesus
que são de Jesus mercês.
Ficou-se do mesmo modo
cansada e adormecida,
ou desmaiada de todo
ao pé da árvore da vida
que deu vida ao mundo todo.

N'este tempo veiu o tempo
em que faz mais o christão
menção da Santa Paixão,
engeitando o passa-tempo
e buscando a confissão.
Era o tempo soberano
em que o humano peccador
se tira do trato humano
e busca com mais fervor
o divino desengano.

Tempo em que a santa Igreja
chama o mundano e perverso,
que amigo de seu Deus seja,
e que tenha o universo
os bens que o céo lhe deseja.
Tempo de quaresma emfim,
em que uma alma mais que outra'ora
busca a Deus, e se melhora
sendo rebelde e ruim,
se quatro lagrimas chora.

Veiu o dia n'estes dias
que entrou em Jerusalem
o Verbo eterno e Mexias
a cumprir as profecias
de nosso remedio e bem.
N'esta occasião divina
pera christãos verdadeiros
sáem os padres Companheiros
da Casa da Palestina
por montes, valles e outeiros.

Zozimas, um santo monge
que de santo entre os mortaes,
deu milagrosos sinaes
quer ir-se para mais longe
por se chegar a Deus mais.
Tinha já passado o santo
trabalhos por muitas vias,
que andando vinte dias,
os dias passava em pranto,
as noites nas pedras frias.

Um dia, ao meio dia
que o sol mais se levantava
o santo se ajoelhava
e fazia o que fazia
quando no convento estava.
Olha para a mão direita
e vendo um vulto que pasma,
que era um phantasma suspeita
e sospeita que a phantasma
pera elle se vêm direita.

Viu-se o bom velho incapaz
de modo de defensão,
e em virtude da oração
que a Deus de coração faz
lhe faz Deus ter coração.
Recorre ao sinal da Cruz,
e Jesus o desengana,
amostrando-lhe Jesus
ser vulto de gente humana,
com todos seus membros nús.

Como desejou elle
chegar-se a ella por vel-a,
elle correu apoz d'ella,
mas ella fugia d'elle
porque elle não visse a ella.
O santo monge desgosta
de não vêr aquelle rosto,
a Santa em fugida posta
vay fugindo do seu posto,
por que estava descomposta.

Não fugia a Santa tanto
por do Santo se esconder,
fugia por não querer
que a visse de modo o santo
que era decente não vêr.
O Santo já descansado
de a não poder alcançar
se sente muito alcançado,
e de lhe não esperar
estava desesperado.

Elle de muito correr
correr mais já não podia,
ella por mais não poder,
por despida e por molher
já de correr se corria.
Chegaram d'esta maneira
cansados de andar hûa hora,
o bom pastor e a cordeira,
a hû sitio que já fóra
um sêco rio ou ribeira.

Ella fallar lhe pretende
mas era a causa e raiz
que estar núa lh'o defende,
elle que isto não entende
estas palavras lhe diz:
— Não fujas por esta calma,
tão ardente e excessiva,
que bem mostra ter a palma
d'essa penitencia esquiva,
tão doce pera a tua alma.

Se meus olhos merecerem
serem de te vêr capazes,
não é porque vêr-te querem,
mas é sómente por verem
a penitencia que fazes.
Pelo amor que tens seguido
do eterno Deus soberano,
que me deixes vêr-te pido
esse bello corpo humano
que tão deshumano ha sido.

Chamo-lhe eu com rezão bèllo,
por que o vejo n'esse estado,
arrugado e amarello,
que amarello e arrugado
é que nosso Deus quer vel-o.
Que lá no mundo inimigo,
que mostras bem que deixaste,
por fugir a teu perigo,
quando esse corpo amaste
não era Deus teu amigo.

Do qual agora contemplo,
que exemplo me podes dar,
por que o considero um templo
d'onde se pode tomar
pera a penitencia exemplo.
E eu n'esta vida apertada
tambem busco a salvação,
mas ver-te d'essa feição
vejo que não faço nada
em tua comparação.

Ella que tudo escutou,
o coração brando abranda
e o rio seco passou,
e passando de uma banda,
da outra o santo ficou.
Dizendo: «Meu padre santo,
não vos pareça ser crúa
não applacar vosso pranto,
porém deitae-me esse manto
que sou molher, e estou núa.

Não estou de calidade
que me possa ninguem vêr,
que no tempo da verdade
mesmo era dizer molher,
que dizer honestidade.
Como um raio ou pensamento,
logo que o manto pediu,
o monge santo o despiu,
e lançando-o n'um momento,
n'um momento ella o cobriu.

E vendo-se mais honesta,
que podia apparecer,
disse: «Quizera saber,
meu padre, de que vos presta
uma peccadora vêr ?
Quem ao mundo faz inveja
per suas virtudes altas,
com que esmalta a santa Igreja,
não será justo que veja
a quem lhe sobejam faltas.

E já que offendi aos Céos
com tão duro coração,
peço-vos, padre e irmão,
que com a benção de Deus
me deiteis vossa benção.
Zozimas que então jazia
debruçado, não concede
no que a Santa lhe dizia,
antes elle lhe pedia
a benção que ella lhe pede.

A Santa diz não ser dina
de tal cousa consentir,
o Santo a cabeça inclina
e inda torna a pedir
a benção santa e divina.
Ella torna a replicar,
que já que elle é sacerdote,
está tão junto ao altar,
justo é a benção lhe bote
visto não lh'a denegar.

Responde elle, que é verdade,
e que em parte tem rezão,
porém, quem tem dinidade
não tem tanta perfeição
como tem a santidade.
E ella por cuidar que tem
o santo velho enfadado,
com rezões que vão e vem,
disse: Deus seja louvado!
e elle respondeu: Amen!

E em doce conformidade
a porfia se acabou,
se em porfia ha amisade,
e ella por humildade
a santa benção deitou.
Pergunta ella, levantados
logo que foram da terra:
— Que occasião ha de peccados,
meu padre, que vos desterra
por caminhos nunca usados?

Quem a parte tão remota
d'essa edade se offerece,
é que o Céo, se bem se nota
com seu poder fornece
sua alma santa e devota.
Quem aqui vos encaminha
a me vêres núa assim,
peccadora molhersinha,
que não tinha sobre si
mais que os cabellos que tinha;

Irmão Zozimas, responde,
quem por donde já me inclina,
sabe porquê, como, e d'onde
que é a virtude divina
a quem nada se lhe esconde.
— Isto tudo aconteceu
por ordem do Céo, amiga;
e já que o Céo me obriga,
heide obedecer ao Céo
que me manda que vos siga. —

Torna a Santa: «Pois vos traz
aqui a bondade eterna
dizei-me o Christão que faz,
como o seu povo governa,
e a Igreja que jaz?»
Não poz o Santo embaraço
a lh'o querer referir;
que em breve e pequeno espaço,
desejou de concluir,
por ser de razões escasso.

Disse-lhe, que a Christandade
estava em paz santa e bella,
que com sua santidade
pela Igreja rezasse ella
á divina magestade.
E que por elle rogasse,
Zozimas tambem lhe diz,
que esperasse e a Deus orasse,
tudo quanto lhe pedisse
o mesmo Deus lhe outorgasse.

E ella como na benção
que um ao outro se pedia,
se defende e diz que não,
que a elle competia
fazer a santa oração.
Porém, de pura humildade
resistir mais não procura;
que uma humildade pura
quebranta muita vontade,
inda que a vontade é dura.

Levanta os olhos ao Céo,
e sem mover a garganta,
que só os beiços moveu,
o que do céo entendeu
e se da terra alevanta.
Zozimas que estava attento
vendo o protento que vira,
admirado ao Céo suspira,
de admirar o protento,
que era protento o que admira.

Quer-se inteirar, e torvado
da soberana visão,
e cae, de medo espantado,
por que o corpo viu do chão
um côvado alevantado.
Dizendo sem se mover
só — Kirieleizon alli,
que é o mesmo que dizer
Amercea-te de mi,
Senhor de immenso poder:

Teve o monge um pensamento
de seu pensamento indino,
e de seu entendimento:
se seria infingimento
de algum espirito malino?
Logo a Santa penetrou,
por virtude soberana,
o que o monge sospeitou,
porém logo o desenganou,
que o demonio o engana.

Foi-se para elle direita
e levantando-o do chão
lhe disse: — Dae cá a mão,
e dae demão á sospeita
que tendes no coração.
A sospeita deitae fóra
que esse coração encerra,
que eu sou uma peccadora
de pó, formiga da terra,
que muitos peccados chora. —

Aqui a Santa começa
fazendo o santo sinal,
desde os pés athe cabeça,
d'onde o monge vendo tal
com mil lagrimas não cessa.
Lançou-se a seus pés rendido
já fóra de tentações,
do demonio conduzido,
e chorando arrependido
diz as seguintes razões:

—Rogo-vos por Jesus Christo,
e pela paciencia sua,
com que soffreu morte crúa,
por que como tenho visto,
vós no dezerto andaes núa.
Por Deus vivo omnipotente
por quem as carnes gastaes,
tão dura e asperamente,
em cujo serviço andaes
feita tão gram penitente;

Pelas passadas que deu
pela rua da Amargura,
o que por nós padeceu,
pelas dores que soffreu
sua Mãe, a Virgem pura;
Por sete palavras santas
que na Cruz disse Jesus,
aonde eu tambem o puz,
por angustias outras tantas
que a Mãe teve ao pé da Cruz;

Por isto e muito mais
que mais passou Jesus-Christo,
per remedio dos mortaes,
que quem sois não escondaes,
que o de mais tenho já visto.
Porque diz la Salamão,
que tizouros escondidos,
que são tizouros perdidos,
mas os repartidos não,
quando são bem repartidos.

E agora tenho por certo
ser milagre do Senhor,
trazer-me a este dezerto,
por ser manifestador
d'esse tizouro encoberto.
Como quem sois digaes
e eu manifestal-o possa,
verão todos os mortaes,
que em vós por virtude vossa
fez Deus maravilhas taes.

Que se a divina vontade,
d'isto não fora servida,
á minha cansada edade,
não dera alento nem vida
para crer tal novidade.
Levantar-se inda não quer,
dizendo isto á molher santa;
mas logo a santa molher
dando-lhe a mão o alevanta
e assi começa a dizer:

«Padre, é cousa sabida
a vida perversa e má,
que na vida passei já;
que contar-vos tão má vida
a vida me tirará.
A obediencia me diz
que vol-a diga, meu padre;
a vergonha o contradiz;
nem é cousa que vos quadre
ouvir as cousas que fiz.

O referir hûa historia
que ao inferno me condena,
e é cousa bem notoria,
que á alma dá muita pena
trazer males á memoria.
Pode ser que venham a ser
estes males de proveito,
porem, haveis de entender
que o meu mal está já feito
e o proveito por fazer.

É verdade que a edade
gastei por estes desterros,
em tamanha soedade;
porém, tambem é verdade,
que mais merecem meus êrros.
Vejo que a justa potencia
é justo que me destrua,
mas com qualquer penitencia
vejo que a clemencia sua
é emfim sua clemencia.

Não farei grande processo
de meus males de raiz,
mas do pouco que confesso
vereis o muito que fiz
e o que muito mais mereço.
Corenta annos são passados
e sete, que isto experimenta,
hû vazo de ossos mirrados
e vinte vezes corenta
merecião meus peccados.

Quem me soffreu até aqui
foi o infinito amor
d'aquelle a quem offendi,
e por me soffrer a mi
vi que era hû gran soffredor.
Já me viestes seguindo,
e eu sempre a vos fugir,
e agora venho a sentir
que ainda me haveis de ir fugindo
por fugirdes de me ouvir.

Fui escondida peçonha,
formosa no parecer,
tão feia, féra e medonha,
que vergonha haveis de ter
de que eu não tive vergonha.
Fui tal, que se vos farão
de ouvir-me, as faces vermelhas,
que taes minhas cousas são,
que tapareis as orelhas
de ouvir tal devassidão.

Quem fui vos heide dizer,
que quem sou, se bem olhaes,
sou ossos, não sou molher,
se molher não faço mais
que mais não deva fazer.
Fui na torpeza carnal
tão livre, com tal largueza,
tão devassa e tão geral,
que em materia sensual
eu era a mesma torpeza.

Fui na soltura que tinha
de modo, n'este apetito,
que toda a gente do Egito
não era sua, era minha
e do peccado maldito.
Fui o mal que tendes visto,
por meu mal tão infernal;
que mal que offendeu a Christo
ah, que tremo em cuidar n'isto,
não pode ser maior mal.

Se quereis que mais vos conte
crêde-me que me espantei,
de quantos montes passei
como não cahiu um monte
e sovertida fiquei.
Das gentes não me fugirem,
das feras não me tragarem,
dos mares não me alagarem;
dos caminhos não se abrirem,
dos rios me não afogarem;

Como o fogo me aquentava,
como o ár me dava alento,
a terra me sostentava,
e a agua se não secava,
como vivo e me sostento!
Como via os passarinhos
e os ouvia cantar
como as flores dos caminhos
merecia ali tocar
sem se tornarem espinhos!

Como as ervas que comia
apalpava e tinham gosto,
como as pedras per donde ia
não me saltavam no rosto,
por que tudo merecia!
E espanta não cegarem
hûs olhos que erám tão cegos,
e de tão mal se empregarem,
e a Deus, com seus máos empregos
tão gravemente aggravarem.

Estas mãos que recebiam
premio de offender a Deus,
pasmo que se não tolhiam,
como dos Céos não cahiam
lanças, de offender aos céos.
Des que os seus passos contados
não tinham conta com mais
que ir a executar peccados,
e mais, peccados mortaes,
como não foram quebrados.

Porém, eu torno a cuidar
que se vivo e me sostento,
que é Deus pay quer-me ajudar,
e quem tem o Deus que eu tenho
não tem que desesperar.
Vêdes aqui, Padre amado,
Zozimas, de Deus querido,
nome bem aventurado
o meu processo acabado,
e o vosso gosto cumprido.

E já que vos dei de mim
esta triste relação,
por aquella encarnação
do Filho eterno, sem fim,
por mim façaes oração.
Recêo a ultima hora
que dos Santos se recêa,
e que tanto esta alma chora,
por ser hûa peccadora
de tantas miserias chêa.»

Logo o velho venerando
correndo como outra vez,
se lhe vae lançar aos pés,
louvores ao Senhor dando,
das maravilhas que fez.
Não cessa de engrandecer
do alto Deus infinito
seu infinito poder,
e poder elle alli vêr
milagre tão exquisito.

Que estava já de maneira,
que se andar ou ver podia
era com muita canseira,
por que os pés nas mãos trazia,
e os olhos na algibeira.
N'um baculo se arrimava
de velho, continuamente,
que quando lia ou resava
d'aquella arte se ajudava
que Deus descobriu á gente.

E como ali Deus o traz,
louva a Deus com grande espanto,
e vendo do Corpo santo
as maravilhas que faz,
faz com razão outro tanto.
A Santa vendo que tem
dado fim a seu processo,
lhe diz: — Meu padre, eu tambem
hum bem agora vos peço,
que vos peço por meu bem.

Sabereis que só Deus sabe
o que sabeis no dezerto,
e eu sei que sois vós tão grave.
que sabereis ser a chave
de saber tel-o encoberto.
E porque de vós se espera
o secreto em que me fundo,
se vós quizerdes, quizera
que emquanto viver no mundo
que o caso morto estivera.

Este cadaver que vêdes
que ainda não quer consentir
que esta alma haja de sahir,
são umas velhas paredes,
que estão já para cahir.
Vêde vós que fortaleza
tantos annos combatida,
não estivera já rendida,
quanto mais tanta fraqueza
de casa que é á cahida!

E não ter cahido já
são secretos soberanos,
por que ha corenta e sete annos
que n'este deserto está
com trabalhos deshumanos.
I-vos em paz, se mandaes
pera o anno me vereis;
e por que o Jordão passaes
como sempre costumaes,
então já não podereis.

Elle com rezão se espanta
d'iste que ouvido tem;
e da virtude ser tanta,
que alem da santa ser santa
seja profeta tambem.
Ella lhe torna a dizer,
não passar o santo Rio
por não poder hade ser,
que o infinito poder
pode e quer dar-lhe desvio.

E como o dia chegar
da divina instituição,
do sacramento do altar
esperae-me no Jordão,
que eu vos irei lá buscar.
Peço-vos que me tragaes,
o corpo e sangue até li
que eu adoro e vós adoraes,
porque nunca o tomei mais
depois que de lá parti.

Como a Santa isto disse,
o Santo a seus pés se deita,
e tremendo de velhice,
o logar beija e respeita
da molher santa e felice.
Sentia muito o varam
perder com tam dura ausencia
tão branda conversação
que era o sol da perfeição
da divina penitencia.

Virando as costas ao rosto
da que a Deus como em espelho
se via, com tanto gosto,
vae chorando o santo velho
por deixar tão santo posto.
Vae a velhice cansada,
que os montes tiveram dó
de a ver tão debilitada,
e a Santa que fica só
fica bem acompanhada.

Vae o Santo religioso
vagaroso pela edade,
é por ir tão vagaroso,
que quem parte com saudade
sempre se parte saudoso.
O caminho vae seguindo
por donde antes viera,
mas a partida sentindo,
que quizera não ter vindo
ou tornar-se não quizera.

Não se podia esquecer
de perder aquella gloria,
porque quem amor tiver
nunca perde da memoria
gloria que veiu a perder.
Muy grande enveja lhe vem
da que sempre ver deseja,
que é a enveja que convem
quando hû santo tem enveja
todos a tenham tambem.

Acha-se muito alcançado
depois que ver alcançou
da Santa tão santo estado,
e leva determinado
chegar aonde ella chegou.
E porque o costume tome
come como um passarinho
o que no caminho come,
que quer morrer no caminho
por amor de Deus de fome.

Não lhe soffre a muita edade
fazer tamanha austinencia,
mas tinha immensa vontade
imitar na penitencia
quem lhe fazia saudade.
D'esta maneira caminha
carregado de cuidados,
por que á memoria lhe vinha
quem teve tantos peccados
e tanta virtude tinha.

Que só o poder de Deus
causa de tanto bem fora,
pois faz que hûa peccadora
que tanto offendeu aos Céos
tanto agrada aos Céos agora.
Tambem lhe dava cuidado
quando havia de chegar
o santo dia esperado
que a Santa hade ir esperar
a Jordão santo e sagrado.

Cada passada quizera
passar pelo pensamento,
quando este anno já viera,
porque quem hum anno espera
parece-lhe que espera cento.
Tambem traz a alma affligida
em cuidar que cuidar deve
que nunca a vida é comprida,
que pode em vida tão breve
em breve faltar-lhe a vida.

Com esta conta descansa
que lança tamanha affronta,
por que sabe quanto monta
a quem esta conta lança
o dia da estreita conta.
N'esta consideração
chega á sua Casa santa,
com mais que chegaram então,
e aquella que o mundo espanta
está posta em oração.

Sinte que se chega já
aquella hora derradeira,
em que gosar de Deus vá,
e da maneira que está,
diz adeus d'esta maneira:
Bem sei que este sêr me destes
que eu por perdida perdi,
e de nada me fizestes,
e que fizestes por mi,
até que por mi morrestes.

Andei como o mundo sabe
que eu, pode ser, não sabia,
o que eu sei que merecia
hû castigo muito grave
do mesmo Deus que offendia.
Sei tambem que fui ingrata
por mais perversa e malina,
e de maneira me trata
vossa mão doce e benina,
que o castigo me dilata.

E tanto m'o dilataes
como verdadeiro amigo,
até que me perdoaes,
e em vez de me dar castigo
o castigo me não daes.
E essa divina potencia
me obriga por tantas vias,
que a sua muita clemencia
fará parecer dois dias
mil annos de penitencia.

Quarenta e sete sómente
ha que vivo aqui, não mais,
e vós, tão brando e clemente,
que mil peccados mortaes
perdoaes tão facilmente.
Vós quereis que pare aqui
tão monstruosa peccadora,
e parecia-me a mi,
que começava ainda agora
para o que vos offendi.

Porém, já que permittis
soltar-me d'esta prisão,
com o pouco que por vós fiz
é por vossa condição,
mas não por que satisfis.
Já o corpo miserando
não podia resistir,
já ia alguns sinaes dando
de deixar a sua alma ir
onde Deus a está chamando.

E com ser a pressa tanta
que estava na derradeira
fia em Deus d'esta maneira,
que chegue a Semana Santa
e commungar quinta feira.
E com lhe faltar a vida
por lhe ir faltando o alento,
de receber não duvida
o divino Sacramento
n'aquella hora promettida.

Tinha a morte na garganta,
fraca, fria e desmaiada,
e está em Deus confiada
chegar á Semana santa
que ainda não era chegada.
Bem sabe que hade morrer,
mas não quando será isto,
mas sabe que isto hade ser
depois d'ella receber
o corpo e sangue de Christo.

Assim vae passando os dias
athe que servido seja,
o Senhor das Jerarchias,
venha aquelle em que veja
suas puras alegrias.
E logo que este bem passe
e mostre outro maior,
pois d'elle todo o bem nace
leval-a o mesmo Senhor
ver sua divina face.

Com esta imaginação
vacilava de contino,
quando o divino varão
com o sacramento divino
viria ter ao Jordão.
Assim vae de lanço em lanço
com tão certa confiança,
porque por sua esperança
donde espera ir ter descanso
que é na bemaventurança.

Mas, todavia cansado
o corpo fraco e mortal,
animal mal costumado
a quem o espirito animado
falla assim ao animal.
Pelo que em vesperas me vejo
do dia que estou vendo,
moderar-me já pertendo
cousa que nunca desejo
pelo que de vós me offendo.

Mas, quero-me ir mais d'espaço
pelo que Deus e eu sabemos;
e emquanto houver este braço
eu farei com vós extremos
por quem extremos não faço.
Quero-vos fallar mais claro,
que não declaro muito
se mereci no mundo avaro
fama de castigo raro
de que terei raro fruito.

Eu já fuy rara entre a gente
em peccados commetter,
contra Deus omnipotente,
mas agora heide fazer
por ser rara penitente.
Porém, pera isto que digo
haveis de ajudar vós,
que se Deus vos poz commigo,
he que commigo vos poz
pera em vós pôr o castigo.

E como a alma he suprema
e vós sois inferior,
trema a alma, chore e gema,
mas ainda que gema e trema
vós levareis a piór.
Gema a alma para ir
pera onde foi criada,
mas qualquer criada servir
a quem foy feito de nada
nada lhe heide consentir.

Por donde tende paciencia
se é penitencia que faço
que cuido em minha conciencia
que inda mais vos ameaço
do que faço penitencia.
Assim c'os olhos nos céos
se purifica e esmalta
quanto Deus puro e sem falta
lhe accode emfim como Deus
com tempo que athé'li falta.

E erguendo-se do posto,
que de fraca mal podia,
com grande gosto se erguia,
que lhe dava grande gosto
só cuidar para onde ia.
Pelo deserto atravessa
que passava ha tantos annos,
a louvar a Deus começa,
dizendo: Pae dos humanos,
quem de engrandecer-vos céssa.

Quem cessa de engrandecer
maravilhas nunca ouvidas
que vós só podeis fazer,
e infinitas não cridas,
que só de vós se hão de crêr.
Desejo aos montes mostrar
o que de vós tenho visto,
aos rios dar conta d'isto,
que pois sabem murmurar,
saibam tambem louvar isto.

Estes campos e estes prados
cuido que olham para mim,
e estão de me vêr pasmados
da multidão de peccados
que contra vós commetti.
N'isto tudo e tudo o mais
que vos no mundo criastes
bem quem sois meu Deus mostraes.
e no que me perdoastes
mostrastes quanto me amaes.

E comtudo isto offendemos
hû Deus que fez isto tudo,
e per fazer mais extremos,
a quem offendido temos
temos por guarda e escudo.
Não sei já que dizer possa
Deus de bondade immensa.
que faz a vós offença
e a mesma bondade vossa
serve de vossa defensa. —

Ao tempo que isto dizia
tinha passado o deserto,
e por que o sol se escondia
e do Jordão está perto,
ali passa a noite fria.
E como o fallar com Deus
sempre gasta o tempo todo,
vendo que é pó, cinza e lodo,
pondo os olhos nos céos,
falla com Deus d'este modo:

É possivel que heide vêr
hû bem tamanho tão cedo,
que vos heide receber,
recebo tanto que hei medo
de ficar tanto a dever.
Mas vossa potencia rica
liberal e poderosa
bem quem nos certifica
pois por arte milagrosa
dando-se assi em si fica.

Isto fizestes por nós
quando n'este mundo andastes
que vos fostes e ficastes,
e eu vou comvosco e poz vós,
que tudo vós ordenastes.
Vou comvosco a vos buscar
porque por vós me perdi,
e por vos me heide ganhar,
e vós dando-vos a mi
com vosco haveis de ficar.

Quem aguarda um grande bem
sempre cuida que lhe tarda,
e cuida emquanto não vem,
por ser grande o bem que aguarda
que mil annos se detem.
E este bem raro e subido
que esta espera e deseja,
por quem sois tenho entendido,
que curto que o tempo seja
é tempo muito comprido.

Por isso meu Deus, dae traça,
tenha esta noite já fim,
que com ser curta e escassa
ainda me parece a mim
que só para mim não passa.
Tirae já ao céo o manto
que vosso poder lhe poz,
que do que dura me espanto,
pois que esperar por vós
espero por ella ha tanto.

Essas estrellas que estão
n'esse céo claro e luzente,
cuido que não vem, nem vão
e que pera mim sómente
estrellas fixas serão.
Tudo quanto todo o dia
comsigo e com Deus fallava,
toda a noite repetia,
que como não repousava
tamanha lhe parecia.

E transpondo-se um piqueno
a ditosa peccadora
entre tanto o céo sereno
fez alevantar a aurora
que alegrasse o prado ameno.
Abre seus olhos rasgados
d'aquelle ditoso pranto,
que fizera per peccados,
vendo os raios espalhados
do lume celeste e santo.

Levanta o corpo pezado
não por sostancia que tinha,
mas de fraco e desmaiado,
com desejo com que vinha,
buscar bem tão desejado.
E emquanto ao Jordão passa,
dando a Deus graças sem conto,
cuida ainda que é escassa
pela chegar a tal ponto
com sua divina graça.

Posto que a jornada era
até o Jordão pequena,
mais pequena ainda a quizera,
que estava na praia amena.
Jesus, que por ella espera.
Vendo o sacerdote santo
a banda do santo rio
deseja acabar com pranto,
mas tinha já sezão, e frio
o peito de chorar tanto.

O abade de fraco vinha
de uma leve enfermidade,
que a Santa disse ao Abade
donde experimentado tinha
que tinha dito verdade.
Deitada na fria areia
pondo a bocca negra e fria,
no divino amor ardia,
e da vista que a recrêa
da mais santa companhia.

Junto á margem de cristal
se chegou tambem a Santa,
fazendo o santo sinal
do remedio universal
que a furia infernal espanta.
Era o rio então crecido,
e de passar perigoso,
de que o Santo está sentido,
ser-lhe á Santa isto forçoso
com risco tão conhecido.

A Santa serena e branda,
como em terra passeando,
que Deus a espera e lh'o manda,
sobre a agua vae andando
segura athe outra banda.
O sacerdote divino
que viu vir a mulher santa,
sobre o licor cristalino,
com justa causa se espanta
de caso tão peregrino.

A Santa por que ficasse
o Santo contente e ledo,
e mais porque a Deus louvasse,
lhe roga, que lhe rezasse
o pater-noster e o crédo.
Pondo os joelhos no chão
e os olhos postos no céo
o Santo fez oração,
ella a paz ao Santo deu,
como era costume então.

Levanta-se o Santo padre
e logo n'um pensamento
com divino acatamento
recebeu a santa madre
o altissimo Sacramento.
E tendo alcançado o bem
de todos os bens maior,
fez rebentar o licor
d'aquelle peito que tem
abrazado em puro amor.

Dizendo: Immensa virtude,
de quem as obras admiram,
fazei que esta alma se mude
para a patria, pois já viram
meus olhos vossa saude.
A hora d'esta partida
que tanto esta alma deseja,
seja de vós concedida,
que qualquer prisão que seja,
sempre a prisão é comprida.

Se esta ossada inda tivera
alguma carne ou sostancia,
pedira-vos que vivera,
porque fôra de importancia
a quem por vós a desfizera.
E estas lagrimas que em fios
por estes olhos me saltam,
chorando meus desvarios
como não enchem estes rios,
muitas lagrimas me faltam.

E se o corpo não desfaço,
que não he mais que a pelle,
e por ser de carne escasso,
dae-me vós sustancia n'elle
vereis o que por vós faço.
É verdade que não tem
nem humildade este peito,
e de apurado e desfeito
já não sei d'onde me vem
estas lagrimas que deito.

Mas pelo que vós me amastes
de sangue, meu Deus, tomara
que já agora as derramara,
pois de sangue as derramastes
por gente cega e avara.
Se vós por culpas alheias
do povo duro e injusto
dessangrastes vossas vêas,
o meu não será mais justo
por culpas proprias tão feas.

Virou para o monge o rosto
e disse: — Padre, perdoae-me,
porque vos tenho aqui posto,
e um só gosto outorgae-me,
porque será de Deus gosto.
No deserto aonde apartada
fui tão fraca penitente,
seja de vós visitada
de hoje a um anno justamente,
que importa não faltar nada.

E advertido estareis
no dia que isto hade ser,
porque vindo-me então vêr,
de maneira me vereis
segundo o que a Deus prouver.
Torna o Santo: — Oxalá fôra
que eu estivera aqui perto,
por que vira cada hora
vosso precioso rosto,
de modo que vejo agora.

E já que vel-o não mereço
haveis de me conceder
hum bem que tambem vos peço,
que acceiteis para comer
isto que vos offereço.
Não ha cousa no cestinho
se não muito humilde e pobre,
como pobre mosteirinho,
mas por que sustancia cobre
o corpo para o caminho.

Na austinencia hade haver
comida, mas limitada,
que o Senhor assim o quer,
mas de todo em todo nada
nada se pode fazer.
Trez cousas aqui vos trago,
figos, tamaras, lentilhas,
com que algum amor vos pago,
porque em vós fazeis estrago
fazendo taes maravilhas.

Tomae d'estas trez alguma,
por Christo crucificado,
por que tenho imaginado
que tomar d'estas trez uma
secreto tem encerrado.
Obrigada, em que lhe pez,
das razões santas e boas,
o que o Santo lhe diz fez,
e em nome das Trez Pessoas
das lentilhas tomou trez.

Sem outra cousa tomar
trazendo-lhe o monge tanto,
lhe diz, querendo-as gastar:
A graça do Espirito Santo
só basta a me sustentar.
E logo diz ao abbade:
Rogae por mim ao Senhor,
que fio em vossa humildade
que me não negue o favor
de terdes d'esta alma piedade.

Vendo o Santo que era o ponto
em que a Santa se desterra,
lhe diz, deitado por terra,
antes de ouvir tal me affronto
a quem tal virtude encerra.
E mais rasão é que seja,
madre, isto feito por vós,
que eu fico que Deus proveja
se orares por todos nós,
pelo Imperio e pela Egreja.

E com a divina graça
pondo na agua os santos pés,
outro sinal da Cruz fez,
e leve e segura passa
como passára outra vez.
Os olhos de santo monge
manifestaram a verdade
dos effeitos e saudade,
por que quando é de mais longe
fere com mais crueldade.

E porque na religião
não haja alguâ sospeita
da causa d'esta paixão,
o que pelos olhos deita
recolhe no coração.
E com muita segurança
deu volta para o mosteiro,
d'onde suas contas lança
de esperar um anno inteiro
consolado na esperança.

A esta sezam caminha
contente, alegre e ufana,
aquella alma soberana,
alma que o parecer tinha
de mais divina que humana.
Vae sem temor de encontrar
estorvo, dano ou perigo,
nem que pode arrecear
se ella leva comsigo
aquelle que ia a buscar.

Aquella hora atribulada
que é de todos tão temida,
e d'ella tão desejada
que dera um anno de vida
por vêr tal hora chegada.
E se aquella hora hade ser
por viver eternamente,
é contente de morrer,
pera morrendo contente
eternamente viver.

A vida cá d'esta corte
que tem fim, termo e medida,
é vida de pouco pórte,
mas vida que não tem morte
só se pode chamar vida.
A jornada era pequena,
porém a fraqueza grande,
e pera que a pena abrande,
descansa um pouco da pena,
por que com descanso ande.

E porque tinha o sentido
aonde só seu gosto tinha,
que era aonde tinha vivido,
o tempo que não caminha
tinha por tempo perdido.
Deseja ver o seu posto
e a Cruz que n'elle puzera,
e banhar n'ella o seu rosto
e na pedra que lhe dera
tantos annos desencosto.

Morria já por viver
ao pé d'esta Cruz sagrada,
pera em pranto fenecer,
e mais, se pudera ser,
poder ser n'ella pregada.
O passo vae apressando
pera chegar mais depressa,
e vendo a Cruz, em chegando
sobre a pedra se arremessa
mil lagrimas derramando.

As pérolas que deitava
aos montes pelas janellas,
Deus com ellas se alegrava,
e por se alegrar com ellas
todas lh'as enthezourava.
E vendo no logar santo
a Cruz, a pedra e o mais,
e que tudo a alegra tanto,
envolta no doce pranto
dizia palavras taes:

Cruz, e meu amor primeiro,
o vosso primeiro amor
me tirou do cativeiro,
vós, verdadeiro Senhor,
sois só amor verdadeiro.
Se vós sois minha esperança
por quem o mundo engeitei,
que mundo tudo é mudança,
e em vós só descansarei,
por que em vós só se descansa.

Quem em vós for embarcado
n'esta forçosa passagem,
donde he o passar forçado,
tem certo boa viagem
e ser bem aventurado.
Vós sois, venerada Cruz
a melhor embarcação
aonde acha todo o christão
porque o piloto é Jesus,
salvamento e salvação.

E para ir a salvamento
em viagem tão comprida,
só serve arrependimento,
por que elle dá mantimento,
que é mantimento de vida.
Tambem estas ervas são parte
d'este bem que n'alma sinto,
e o mais do corpo consinto
pera que esta alma se farte
de andar o corpo faminto.

Aquellas varas que estão
n'aquelle chão desprezadas
tão bem prezadas serão,
por que farão occasião
de emendar culpas passadas.
Como o mundo desprezei
por hû só Deus sem segundo,
e se a Deus experimentei
e experimentei ao mundo,
veja o mundo o que farei.

Vede vós vossa proveza,
pedras, varas, desciprinas,
tanto minha alma vos presa,
que despréso as ricas minas
de thezoiros e riqueza.
Vede vós a ociosidade
de um corpo nú posto ao canto,
pois do mundo a potestade
provarei não valer tanto
como a minha pouquidade.

Quem no mundo anda engolfado
mal pode experimentar isto,
por que a tel-o experimentado
quanto no mundo tem visto
por isto fôra engeitado.
Vá-se o mundo muito embora,
pobre, falso, enganador,
que mais rica sou agora
tendo de Deus um favor,
que ser do mundo senhora.

N'isto olha para defronte
donde tinha uns montes altos,
e sem nenhuns sobresaltos
vê pelas faldas de hû monte
hû leão vir dando saltos.
Imaginando que a féra
era aquella que já vira,
não se alvoroça nem altera,
mas como que nada sentira
então viu que a mesma era.

E como tinha fallado
co's estromentos que tinha,
teve por mais acertado
fallar com o leão que vinha
a vêl-a, por Deus mandado.
E diz: Já tive temor
de vossa ferocidade,
por amisade e amor,
mas quem muda a calidade
faz que se mude o terror.

Não me espanto que sejaes
cordeiro em minha prezença,
porque quem fez obras taes
inda fará muitas mais,
quanto mais tal differença.
Não me fazeres pedaços
pois á vossa vista me puz,
e quererdes dar-me abraços
vem dos braços d'essa Cruz
e de quem poz n'ella os braços.

De fazerdes tal excesso
e ter a condição branda,
obrigada me confesso,
mas só a Deus o agradeço,
porque só Deus vol-o manda.
Quizera eu que muitas vezes
me vieras visitar,
e Deus vos hade mandar
antes de mui poucos mezes,
mas não vos heide fallar.

O instinto natural
que Deus a este animal dava
era, que Deus lh'o mandava
que lhe parecia mal
á Santa que não fallava.
E logo muito de pressa
a branda féra deu volta,
voltando a Santa a cabeça,
por que a Deus tudo agradeça
a Deus taes palavras solta:

Vossa branda condição
a mansidão tanto présa
que por presar mansidão
e aborrecer a braveza
faz manso hû fero leão.
Sou simples para sentir
as maravilhas que usaes,
mas quero-me persuadir
que o que usaes com os animaes,
me animaes a vos servir.

Entre dois animaes mansos
humilde e manso nascestes,
e na Cruz onde estivestes
por nossos bens e descansos
entre dois ladrões morrestes.
E agora n'esta occasião
mostraes meu Deus a verdade,
por que os homens de rasão
me trataram, com crueldade,
e as féras com mansidão.

E se uma féra se amansa
e o homem se faz severo,
mais a companhia quero
da fera que se faz mansa
que do homem que se faz féro.
Isto acabou de dizer
a angelica penitente,
quando já o planeta ardente
no poente ia morrer,
porque nace no oriente.

Nota como a terra abraza
communicando a luz sua,
e como já ia escassa
pera dar logar á lua
a que seu officio faça.
Como princeza e rainha
com infinitas donzellas,
claras, luzentes e bellas,
a lua fermosa vinha
acompanhada de estrellas.

Nota os planetas celestes
que são celestes criaturas,
e dão suas luzes puras
ás criaturas terrestes
ingratas, de entranhas duras.
Nota o curso celestial
como nos está servindo,
tam medido e tam egual,
mas que deixa em nós sinal
como nos vae consumindo.

Tudo isto considerando
alevantando os esp'ritos
aonde Deus a está chamando
ao mesmo Deus está dando
louvores quasi infinitos.
Pela conta que trazia,
vê que pouco o dia tarda,
da verdadeira alegria,
que de dia em dia aguarda
té vir seu ditoso dia.

E da maneira que estava,
se via já de maneira
que a hora se lhe chegava,
e do dia a derradeira
do anno que se acabava.
Posto que continuamente
se sentia já lethal,
agora se sinte tal
pelo muito mal que sente
que sinte que está mortal.

A doença perigosa
não é quem lhe tira a vida,
tira-lhe a mão poderosa
que lhe tinha promettida
hûa hora muito ditosa.
Mui certa e segura está
que a potencia immensa e alta
a sua hora lhe dará,
e aquelle que nunca falta
que nunca lhe faltará.

E como vinha tão perto
aquelle ditoso dia,
viu que era justo e queria
despedir-se do dezerto
e de quanto n'elle havia.
Dizendo: «Fermosos valles,
onde quarenta e sete annos
vivi sem tratos humanos,
sem torpeza e sem males,
sem fingimentos e enganos.

Vou para um jardim de flores,
que não ha em taes jardins
peccados nem peccadores,
senão puros Seraphins
abrazados em amores.
E por que o perfeito amor
a meu amor quer pagar,
vós, que eu vou a descansar,
ficae louvando ao Senhor
emquanto o mundo durar.

Matos de abrolhos e espinhos
tambem embora ficae,
álemos, cyprestes, pinhos,
que estaes por esses caminhos
de contino a Deus louvae.
Ervas, boninas e flores,
cravos, jasmins, lirios, rosas,
pintados de varias côres,
não cesseis de dar louvores
a quem vos fez tão fermosas.

Não deixo de sentir muito
saudades que causaes,
mas, vou para muito mais,
aonde me hãode dar fruito,
e vós daes flores, não mais.
Montes, que estaes ao redor
d'este espaçoso dezerto,
louvae vosso Creador,
que é justo lhe deis louvor,
pois do Céo estaes mais perto.

Não vos pareça que he parte
serdes tão soberbos vós,
que Deus que tudo reparte,
se n'esta parte vos poz
vos póde pôr n'outra parte.
Alma, que sem te mudar
do estado mal seguro,
não te boles de hû logar,
teme a quem pode mandar
que se mude um monte duro.

Vós rios, fontes de agua
já vos eu acrecentei,
quando mil maguas chorei;
mas vós não tivestes magua
das maguas que vos botei.
eu estava-vos dizendo
de como a Deus offendi,
que ainda agora me arrependo,
e vós fugieis de mi,
que eu via-vos ir correndo.

N'esse curso que levaes
bem mostraes a obediencia
que á summa potencia daes,
que é justo que obedeçaes
á justa e summa potencia.
Ide ao mar, que por amar
tambem vim d'onde estou
e agora por amar vou
aonde hũ mar heide amar
de glorias de quem me amou.

E virada para a Cruz
e na Cruz santa abraçada
já lhe ia faltando a luz,
mas não a luz desejada
que lhe prometteu Jesus.
Quieta, branda e serena,
n'aquella alegre agonia,
ao pé da Cruz parecia
a Maria Madalena,
porém era só Maria.

Era a penitente forte
a Egypcia esclarecida,
que teve na vida morte,
para ter na eterna côrte
o premio da eterna vida.
E era quem por dezasete
annos de vicios mundanos
toda a vida se promette
e cuidou que eram quatro annos
chorando quarenta e sete.

Logo como um passarinho
que não tinha mais alento,
a alma n'um pensamento
vôou pera o patrio ninho
a occupar o seu assento.
Ficou o seu bello rosto
mais do que nunca foi bello,
e o corpo por terra posto,
mas coberto com o cabello
honestamente composto.

N'este tempo o santo monge
quer já vir pera o dezerto,
com a idade incerto,
que parece que está longe
posto que estava tam perto.
Sáem-se os monges todos
como por costume tem,
que como a quaresma vem,
todos buscavam seus modos
por cumprir o que convem.

E o Monge, que não sómente
tinha a sua obrigação,
senão a da penitente
ia no seu coração
e por que a hia a vêr contente.
Sentia a cada passada
passar hû tormento forte,
mas a bemaventurada
que o faz ir d'esta sorte
faz que elle não sinta nada.

Como o dezerto tem perto,
logo no dezerto entrava,
e no dezerto buscava
o que estava no dezerto,
e mais com seu Deus estava.
Um grande espaço buscou
o logar divino e santo,
e tanto que o não achou,
para o Céo logo entretanto
d'esta maneira fallou:

— Piedoso e manso pae
a quem por meu Deus confesso,
posto que eu o não mereço;
por quem vós sois me mostrae
o tizoiro que vos peço.
Mostrae-me hûa criatura
que por milagre vivia,
que ervas inda não comia,
e sobre uma pedra dura
núa e despida dormia.

Mostrae-me o corpo mirrado
que não tinha mais que ossos,
e a vós chorou seu peccado,
e o estado em que destroços
poz viver em máo estado.
Mostrae-me o bem que desejo
para vos engrandecer,
que morro já pelo vêr,
e se vivo e não o vejo,
vivo não poderei viver.

Mostrae-me este bem que quero,
que desespera a tardança,
e se quem espera alcança,
alcance eu que desespero
pelo fim d'esta esperança. —
E com esta saudade
chegou a um seco ribeiro
já cansado pela idade,
e viu por cima de um outeiro
uma grande claridade.

Logo o Santo diligente
parte sem fazer demora,
e vê morta a penitente
mais clara e resplandecente
que a claridade da aurora.
Sobre seus divinos pés
muitas lagrimas chorou,
e logo como acabou
e as exequias lhe fez
com os Salmos que lhe rezou.

Assim confuzo e afflito
não sabendo o que faria,
do corpo santo e bemdito,
quando vê na areia escrito
hû letreiro que dizia:
«Enterra com humildade
a Maria peccadora,
com o pó como é verdade
põe sobe esse pó, abade,
e por mim ao Senhor ora.

Deixei esse corpo vil
como vil sobre essa areia,
e foi pera que se crêa
que a os dois de abril
á noite da Santa Cêa.»
Desejou o santo velho
dar ao corpo sepultura,
e por não ter aparelho
pera abrir a cova escura
pede a Deus lhe dê conselho.

E logo a esta sezão
o Santo em confusão tanta
vê vir um grande Leão,
a lamber os pés da Santa,
que lhe causou torvação.
Fez o divino sinal
que venceu o inferno e morte,
quando este animal forte
se fez um manso animal
cobarde e de baixa sorte.

Estava o manso leão
tão humilde aos pés do Abbade,
que por mostrar mansidão
com a cabeça e a mão
fez mil sinaes de humildade.
Mostrou nas unhas e dentes
que espedaçava animaes,
e que assim faria ás gentes,
mas deu sinaes evidentes
de milagrosos sinaes.

Vendo o divino varão
a maravilha tão nova,
outra maravilha aprova,
que foi mandar o leão
que lhe fizesse uma cova.
Que Deus que teve poder
de lhe dar conhecimento
pera a Santa conhecer,
lhe dava entendimento
para tambem o entender.

Que como a divina graça
n'aquelle acto assistia,
na divina graça fia
que a cova lhe o leão faça
como o demais que fazia.
Levanta as unhas a féra,
e começa de fazer
a cova que o Santo espera,
e Deus mostra seu poder
como infinito que era.

O Leão a cova lhe faz,
e o Santo toma nas mãos
o corpo que em terra jaz,
e estão como dois irmãos
hû leão e hû homem em paz.
É tal a desformidade
haver amisade tanta,
é maravilha que espanta,
porém tudo a santidade
fará d'esta Egipcia santa.

Deita no centro da terra
hû corpo que mereceu
fazer ao demonio guerra,
e sua alma subir ao céo
que n'um Seraphim se encerra.
O Leão já se aparelha
pera se ir fazer leão,
que até então fôra ovelha,
e Deus ao monge aconselha
tome o caminho na mão.

O monge os braços abria
para lhe dar a entender
que não tinham que fazer;
elle que tudo entendia
quer a tudo obedecer.
D'onde logo as costas vira
com furia, ira e braveza,
desejando alguma preza,
pera fartar esta ira
que tinha de natureza.

O monge toma o seu báculo,
parte medroso e attonito,
de vêr tão bravo espectaculo,
e deseja vêr-se incónito
em o mais alto pinaculo.
Passando vida miserrima
vae decrepito e pálido
sem nenhum remedio válido
que o livre na mata asperrima
do furor do sol tão calido.

Chega com favor do Altissimo
debil, fraco, e pusilânimo,
ao cubicolo purissimo
aonde ao conclave magnanimo
contou o caso rarissimo.

*

* *

Dezejei leitor prudente
compôr o que merecia
a divina penitente,
e que fosse a poesia
rara, unica e excellente.
Desejei ter um estílo
com facunda e larga vêa,
por que chegasse a ouvil-o
tudo quanto o sol rodêa
do nosso Tejo ao Nilo.

E quando o pobre talento
o mais levantado fôra,
fôra de pouco momento
junto ao merecimento
da divina peccadora.
O engenho é limitado
que aqui vos mostro que tenho,
se não merecer louvado
por ser limitado engenho,
seja por bem empregado.

Adeus, leitor, a mais vêr,
porque ainda haveis de vêr mais,
mas da angelica molher
admiração dos mortaes
não soube mais escrever.

FIM

Cinco sonetos ineditos de Sá de Miranda

Pideme de mi mismo el tiempo cuenta;
si, a dala voy el tiempo pide tiempo;
que quien gastó sin cuenta largo tiempo
como dare sin tiempo larga cuenta?

Tomar no quiere el tiempo tiempo en cuenta,
por que la cuenta no se hizo a tiempo;
que el tiempo recebiera en cuenta tiempo
se en la cuenta del tiempo uviera cuenta.

Que cuenta hade bastar a tanto tiempo,
que tiempo hade bastar a tanta cuenta,
que quien sin cuenta vive está sin tiempo.

E estoy sin tener tiempo y sin dar cuenta,
sabiendo que hede dar cuenta del tiempo,
y hade llegar el tiempo de la cuenta. [1]

---

1 Este Soneto anda em portuguez attribuido a Fr. Antonio das Chagas.

Pues Dios te dio atributos de provida
los divinos talentos de sus bienes,
y al fin, hombre mortal, de los que tienes
le has de dar cuenta siempre que la pida.

Tenla en limpio tenla apercebida
pues ay tiempo y lugar en que la ordenes,
porque se descuidado te entretienes
la muerte poderá ser que te lo inpida.

Disponte pera el dia de la frenta,
pues tan a prisa ya te está llamando,
y quiera Dios de ti cobrar su renta.

Y pues hasde pagar sin saber quando,
para que no te alcance sin la cuenta
imagina que siempre la estás dando.

Edades verdes, juveniles anos,
que en tablas de esperanzas engañosas,
del mar surquaes las sirtes arenosas
del lizongero mundo y sus engaños.

Silvan de saludables desengaños
las repentinas muertes prodigiosas,
y vivan vuestras almas temerosas
de los eternos y infernales daños.

Se dilatais da tibia penitencia
al fin amargo de la curta vida,
dexad, dexad tan loco barbarismo.

Que es debido rigor justa sentencia
que quien viviendo de su Dios se olvida,
se olvide quando muera de si mismo.

Que tengo de morir, que hade acabarse
mi gala, hermosura y gentileza,
que los regalos, gusto y riqueza
an pera mi conmigo de enterrarse.

Que de mi, a mi pezar, ande acabarse
los amigos, criados y grandeza,
que al abito, la mitra y la nobleza
acá sin mi en moriendo an de quedarse.

Que me he de ver comido de guzanos,
que tengo de ir confuso y temeroso
al justo tribunal de un Juez severo.

O' breves gustos, ó deleites vanos,
pues el gozaros es tan peligroso,
antes que me dexéis dexaros quiero.

Pequé, Señor, no por que he pecado,
de tu amor y clemencia me despido,
temo, segun mis culpas ser perdido,
y espero en tu bondad ser perdonado.

Recelome, segun me has esperado,
ser por mi ingratitud aborrecido,
e asi mi pecado mas cresido
el ser tan dino tu de ser amado.

Si no fuera por ti, de mi que fuera?
y a mi de mi, sin ti, quien me librara,
se tu gracia la mano no me diera?

Mas, ay, a no ser yo, quien no te amara?
y si no fueras tu, quien me sofrera,
y a ti sin ti, mi Dios, quien me llebara.

VIDA DE MARIA EGIPCIA [1]

AQUY SE COMEÇA A VIDA DE SANTA MARIA EGIPCIA

(fol. 51 r°) Em os moesteyros de Palestina foy hũu velho mui honrrado per virtude e per pallavra que des ocomeço da ssua mininice foy criado em custumes de monge. E este santo homem avia nome Zozimas. E escolheo tomar vida de monge em os moesteyros de Palestina, e andou per toda a converssaçõ dos santos padres que moravom no deserto, e hera muy estremado em asteença antre todos os do mundo e sseendo mynistro guardou mui bem todas as Religas dos santos monges e de ssua propria natureza achou muitas cousas cõ que ssubiugasse a carne ao spiritu e tanto ssabia este santo velho das tẽetações e de veençer as batalhas dos pecados que muitos viinham a el dos houtros moesteyros de perto e de longe e eram ẽflamados e emsignados per elle e pella ssua cõteença. Tal era a vida do santo homẽ que nunca leixava de cuidar e meditar nas santas pallavras e nom mĩguava

---

1 Do Ms. 266 da antiga Bibliotheca de Alcobaça (hoje na Torre do Tombo). Texto do seculo XIV. Já publicado pelo Dr. Jules Corna na *Romania*, t. XI.

porem de fazer obras de suas mãaos. E dizia este santo homem que des o Regaço de ssua madre, seendo minino, fora dado em aquell moesteyro pera servir a Nosso Senhor em elle, .l. anos fez ẽ elle perffeita vida de monge, e despois desto, assy como el meesmo contou, era aficado dalgũas cuidações dizendo ãtressy: Ja eu ssoo perfeito ẽ todas as cousas e nom hey mester ẽsignança doutrem, e ja (fol. 51 vº) nom ha nehũu antre os monges que me possa ẽsignar algũa cousa boa que eu ja nom ssayba nem cousa que eu ia nom aja feyta que perteença aa obra do monge, nẽ pode seer achado no deserto nẽhũu que possa seer mais perfeito que eu ẽ siso nẽ ẽ obra. E andando Zozimas em esto, pareceolhe hũu santo padre e disselhe: «Zozimas, tu lidaste bem ẽ todas as cousas e acabaste mui bem a vida e o curso da vida dos monges, mais verdadeyramẽte nom ha homẽ nehũu que aia ẽ ssy perfeiçõ, ca outras careyras ha hy da vida, as quaes sse as tu quiseres seguir, saite da tua terra e do teu parentesco assy como fez Abrãao aquel sancto partriarca, e sygueme e vente comigo ahũu moesteyro que està a par do Riio de Jordam.» Tanto que Zozimas esto ouvio, ssayosse daquel moesteyro ẽ que vivia da ssua mininice e ffoysse depos aquel velho que lhe estas pallavras disera. Tanto que chegou ao Ryo de Jordam, braadoulhe hũa voz e levou o aaquel moesteiro ẽque o Nosso Ssenhor mandara viir, e chegou aa porta do moesteiro e bateo aas portas e tanto que falou, logo hũu monge que guardava as portas do moesteiro o disse ao abbade. E o abbade vẽedo a ssua converssaçom e a ssua Reverençia, Reçebeo mui bem e deitousse ẽ terra assy como he custume dos monges e adorouo e, feita a horaçõ, perguntouo o abbade e disselhe: «Hyrmãao, honde viveste e porque Razom veeste (fol. 52 vº) aos proves?» Respondeo Zozimas e disse: «Padre nom,

me pareçe neçessario de te dizer eu donde venho, mais eu venho aqui por razom de seer edeficado, ca eu ouvi grandes signaes e maravilhas e de grande louvor perque podem as almas seer chegadas a Deus.» E disselhe o abbade: «Deus ssoomente ssabe curar a fraqueza humanal. Elle nos queyra inssynar aty e a nos conprir a sua santa vontade e conprir todas as cousas que ssom boas. Ca o homem nõ ha poder de hedificar outro homẽ: porque a karydade de Jesu Cristo te convidou pera viires veer a proveza dos nossos velhos e pera ficares e viveres comnosco, sse pera esto veeste pera nos, e assy nos ajuntou asũados a graça de Deus que he bõo pastor que deu a ssua alma por nosso remiimento.» Quãdo esto disse ho abbade, logo Zozimas ẽclinou outra vez a ssua fface ẽ terra e honrrarom todos Nosso Ssenhor e, feyta ha oraçom, disserom *amẽ*.

Horando ho santo homẽ Zozimas ẽ aquel moesteiro, vyo ally os santos padres splandeçer per virtudes e per obras servindo a Nosso Senhor ssem quedar. E estavam per toda a noyte obrando per ssuas mãaos e cantãdo psalmos e louvores a Deus e nom ssaya da ssua boca nẽhũa pallavra louca nẽ perteençia a elles nẽhũa cousa deste segre nẽ cuidado nenhũu do mundo, mais tã sollamente aviam cuidado de mortificar (fol. 52 v°) sseus proprios corpos por poderẽ escapar aas cousas deste ssegre, e o sseu mantiimento eram fallamentos spirituaaes e davam aos corpos tam ssollamente aquello que lhes era neçessaryo, .s. pã e auga, por tal que podessem dar gloria a Nosso Ssenhor por karidade e per amor dhũus aos outros. Quando ho santo homẽ Zozimas vio estas santas obras foy muito edifficado, aproveytando ssenpre ẽ santydade, acreçentando ssenpre as requezas spirituaaes como viia fazer aos outros santos homẽes. Acabo de mui-

tos dias chegousse os dias dos santos jejuus da quareesma; aparelhouse o santo homem pera a paixom do Salvador. A porta do moesteyro nunca era aberta, mais ssenpre era çarrada pera viverẽ os monges ẽ mayor folgança das almas, e nunca abriã a porta sse nom quando viinha algũu monge por algũa cousa neçessaria, e o logar era deserto ẽ tal guisa que nom tam ssollamente os caminheiros nom ssabiam parte, mais ainda os que moravõ açerca nom ssabiam o logar. E tal Regra guardavõ senpre dello começo em aquel moesteiro, e porẽ trouve ally Nosso Senhor o santo homẽ Zozimas. E a Regla daquel moesteiro era tal: em o primeiro domingo da coreesma eram chamados todos os monges daquel moesteiro e ffaziam sseu ofiçio a Nosso Senhor ssegundo aviam de custume, e cada hũu delles Reçebia o corpo do Noso Senhor Jesu Cristo, comiam (fol. 53 r°) muy pouco e lançavansse todos ẽ horaçõ, e depois que acabavom a horaçom, ficavom os giolhos em terra e beixavonsse hũus aos outros e abraçavonsse e davam paz ao abbade e Rogavanlhe que ffezesse horaçom por elles a Nosso Senhor que os ajudasse em ssuas tentaçõoes, e depos esto abriam as portas do moesteyro e ssaiansse todos os monges cantando louvores a Nosso Senhor dizendo: *Dominus iluminaçio mea e salus mea, quem timebo? Dominus proteitor vite mee, a quo trepidabo?* que quer dizer: o meu Senhor Deus e meu alomeamento, o qual eu temerey? o Senhor he defendedor da minha vida, do qual averey grande temor? E quando assy ssayam leixavõ no moesteiro hũu ou dous guardadores nom por gardarem o que hy ficava, ca nom avia hy tal cousa que furtassem ladrõoes, mais por nom ficar o horatorio ssem alguem que fezesse o oficio de Nosso Senhor, e cada hũu daquelles mõges que assy hyam portar ao deserto levava aquello que lhe era mester

pera mantiimento de sua vida, algũus levavom pouco pam pera sosteer a fraqueza do corpo, houtros levavam figos passados, houtros levavam tameras, outros levavam legumas molhadas, houtros nom levavam nehũa cousa sse nom tam ssollamente sseus corpos e sseus mantos que vistiam e aviam mantiimento das hervas que naçiam no deserto. E cadahũu delles tomava sua Regra propria em ssua vida aqual nom mudava e nom (fol. 53 v°) ssabia parte hũu do outro como vivia nẽ que hobrava, e partiansse cada hũu assua parte pella Ribeyra do Riio de Jordam e ally moravam em o deserto apartadamente, que nunca sse ajuntavam em toda a quaresma. E sse aconçiençia [*l.* acontiçia] que algũu delles visse viir o houtro alõge dessy, logo leixava aquella carreyra perque viinha e hia per outra carreyra soo cantando e dando graças a Nosso Senhor. E cada hũu levava daquelo que lhe conpria pera sseu mantiimento. E depois que eram conpridos os dias do jejũu da coreesma, tornavansse pera o moesteiro ẽ o domingo da festa dos Ramos, e cada hũu trazia o fruito do sseu trabalho em ssua conçiençia, conheçendo ssy meesmo como obrara em aquel santo tenpo e quejando fruito ssemeava, e nehũu delles nom pregũtava ao houtro como obrara ou que fezera. Ca atal Regra avia ẽ aquel moesteiro que cada hũu delles morando no deserto demostrasse tam ssollamente a Deus o sseu trabalho e nom deseiasse sseer louvado de nehũu homem nẽ demandasse a vãa gloria que t[r]espassa ou o ffavor dos homẽes, mais pellas obras espirituaaes ffugisse aas cousas terreaaes e gançasse as cousas celestriaaes. Ca ssenpre homem gaanha obras ssem fruito e dapnossas do louvor dos homẽes.

O santo homẽ Zozimas fez ẽ aquel tenpo (fol. 54 r°) da quareesma segundo a Regla daquel moesteiro e passou o Ryo de Jordam e levou muy pouco mantiimẽto pera

ssostimento do corpo e hũu pano de que sse vistia, e conpria a Regla passando pello hermo e comia muy pouco e dormia em a terra gostando pouco ssono em qual quer logar que sse lhe aqueçesse a noyte, e alta manhaa fazia sseu caminho cõ deseio de trespassar o hermo esperando aachar algũu santo padre no deserto que o podesse hedeficar ssegundo sseu desseio, e depois que andou per espaço de vinte dias, hũu dia hora de sexta folgou hũu pouco de sseu trabalho. Ca elle avya em custume que aa ora de terça e da sexta e da noa quedava de andar sseu caminho por fazer ssua horaçom, e hũu dia levantou os olhos contra o horyente aos çeeos aa ora da sexta e teve mentes e vyo contra a deestra parte em hũu logar estar assy come ssoonbra de corpo humanal, e elle foy todo espantado e mui torvado e cuidava que era fantasma aquello que vya e fez ho ssynal da cruz. E orou a Nosso Senhor e, acabada a horaçom, vyo hũu corpo contra a parte do horyente todo mui negro e mui queimado da caentura do ssoll. Os sseus cabellos da cabeça eram brancos assy como a laa alva e chegavanlhe ataa ho colo. Quando esto vyo o santo homẽ Zozimas, maravilhousse e ouve grãde prazer e começou de correr contra aquela parte hu viia aquelle corpo e foy mui ledo (**fol. 54 v°**) porque avia muitos anos que nom vyra fegura humanal nem figura de nenhũa animalia nẽ de ave, e maravilhousse ho santo homem quem era aquel que assy viia, esmando que era algũa pessoa. E ella quando vyo o santo homẽ de longe que sse viinha chegando contra ella, começou mui tostemente fogir pera dentro do deserto. E o santo homem como quer que era velho e canssado e fraco do grande caminho que andara, começou de hir ẽpos ella mui tostemente e ella ffogia ho mais toste que podia. E o santo homem corrya mais que ella e pouco e pouco

chegava a ella. e quando foy tam açerca della que o podya ouvir, começou o santo homem a braadar ẽ esta guissa chorando: «Servo de Deus, porque ffoges de mi que ssoo homẽ velho e pecador? Rogote que me atendas, quemquer que tu es. Conjurote por Nosso Ssenhor ẽ que tu has boa esperança da vida perduravel pollos teus trabalhos que falles cõmigo palavras de dulçura e de manssydooe e nom me queiras leixar sem ffallares conmigo per aquel Deus que mora em ty.» Rogando esto o santo homem cõ lagrimas, chorarom anbos correndo a hũu Regato seco, e ella passousse pella outra parte e ascondesse ẽ o Regato. E o saato homẽ era mui cansado e nom podya correr, mais esteve quedo da outra parte do logar chorando muito, e Rogava com muitas lagrimas aquella que viia que lhe dissesse algũa (fol. 55 r°) pala[a]vra de hedificaçõ. E aquella que assy fogia começou logo assy a dizer: «Padre Zozimas, porque me sseges e corres em pos mim? Rogote por Deus que me perdoes, ca nom posso tornar cõtra ty a minha face, porque ssoo molher e ando nua, mais lançame esse teu manto pera cobrir a vergonça do meu corpo, o assy hirey a ty pera Reçeber as tuas horações» Quando o santo homẽ ouvio estas palavras, foi mui espantado e mui torvado porque sse vyo chamar per sseu nome, quem o nunca vira nẽ houvira sse lhe nõ ffosse demostrado, per Nosso Ssenhor E logo desvistyo hũu pano mui velho que trazya e lançoulho cõ a fface tornada a outra parte. E ella tomouo e çingeo a Redor dessy assy como pode e cobryo a parte neçessarya do corpo, e teve mentes ao santo homẽ e disselhe: «Que ffezeste, padre, ẽ quereres veer hũa molher pecador, ou porque tomaste tantos trabalhos pera me conheçeres?» E o ssanto homẽ ficou os giolhos ẽ terra e Rogavaa que o benzesse. E ella lançousse ẽ terra e adorava o santo

homẽ E assy estavom ambos lançados ẽ terra e adorando hũu ao outro e Rogandosse que sse desẽ a beençõ. E nom diziam outra palavra sse nom tam ssollamente: «Padre, beenzeme.» E estando em esta Refferta quem beenzirya hũu ho outro, Respondeo ella e disse: «Padre Zozimas, aty cõpre mais beenzeres e horar, porque as ho santo ofiçio de saçerdote e muitos anos ha que serves (fol. 55 v°) ẽ o santo altar, conprido das santas horações ẽ a tua mente.» Quando esto ouvio ho santo homem, maravilhousse muito e foy muito espantado e disse: «Çertamente, madre, ora vejo eu que tu es conprida de toda graça spiritual, ca tu demostraste o ofiçio do ssacerdote que eu ey, que me nunca viste, mais a graça spiritual nom he dada ao homẽ polla dignidade e polla hordem do ssaçerdoçio, mais pollas boas obras e pollos bõos custumes sse guanha. Honde te Rogo per Nosso Ssenhor e te conjuro que eu Reçeba prymeyro de ty abẽeçom e me des atua horaçõ.» E ella consentio aas pallavras do santo homẽ e disse: «Beento seia o Ssenhor Deus Remiidor das nossas almas, e elle te de os goyvos perduravis!» E o santo homẽ Respondeu *amen*. Entom levantarõsse anbos da terra, e disse ella ao santo homẽ: «Rogote, padre, que me digas, porque quiseste viir a mĩ pecador, ou que quiseste de mĩ molher que soom emferma de todo bem?» Respondeo o santo homem: «Esto nom foy tam ssollamente pella minha vontade, mais per prazer de Deus que nos fez tam grande graça que nos vissemos anbos.» Respondeo ella: «Verdadeyramente assy he como tu dizes. Rogote, padre, que digas como vivem ẽn o mundo os Cristãaos e conta me como ssom os Reis e os pastores da egreia.» E o santo homẽ Respondeo e disse: «Leixado as muitas palavras, digo-te, madre que o Noso (fol. 56 r°) Ssenhor Jesu Cristo e nosso Remiidor deu ao sseu pooobo

firme paz. mais Rogote que Roges a Nosso Ssenhor por afirmeza de toda a Egreia e poboos e pollos meus pecados.» Respondelhe a santa molher e disse: «Padre Zozimas, cousa aguisada he e neçessaria que tu Roges a Nosso Ssenhor por todos e por mi pecador, ca tu es honrrado do oficio do saçerdote per auto e per vontade. Ca pera esto es chamado, pero por conprir teu mandado quero obedeçer e cõ toda virtude Rogarey a Deus do çeeo. pero soom pecador» E levãtou os olhos contra o houriente e alçou as mãos ao çeeo e começou horar caladamente per tal guisa que ella movia tam sollamente os beiços, mais a ssua voz nom era ouvida, assy que o santo homẽ Zozimas nom pode ẽtender o que ella dizia ẽ ssua horaçõ, mais dava elle por tras Nosso Ssenhor e dizia que en quanto aquella ssanta molher fazia ssua horaçõ perlongadamente que avia elle le[n]vãtada no aar per espaço de hũu covodo. E vendo elle tal visom, avia grande temor, e ẽtom caiu ẽ terra e começou fortemente a ssuar e avia grande espanto e maravilhavasse muito e nom podia dizer houtra cousa sse nom *quìrie leisom*, que quer dizer: «Ssenhor. amerçeate de mi.» ẽtanto que começou ell a duvidar e horar, ca nom ssabia sse era spiritu de fantisia que fingia que fazia horaçõ. E tornousse ẽtom a santa molher e levantou o santo homẽ da terra e disselhe: «Padre. por que te torvarom tanto as tuas cuidaçõoes ẽ guisa que foste escandalizado ẽ mi, cuidando que era spiritu maao que (fol. 56 v°) fingia que fazia horaçom? Nosso Ssenhor te perdooe! Eu soom hũa molher pecador que ssom bautizada do baptismo de Jesu e nom ssoom spiritu mãao, mais ssoom terra e nom ey nehũas obras do spiritu maglino.» E dizẽdo esto signousse do ssignal da cruz ẽ ssua face e em sseus olhos e ẽ sseu peito. E disse padre Zozimas. «O Ssenhor todo poderoso

nos livre daquel maao imiigo antigo que he contrario aa linhagem humanal e nos ajude porque o imigo nõ queda de lidar contra nós.» Quando esto ouvio o santo homẽ, lançousse ẽ terra aos pees da santa molher e dizia cõ lagrimas: «Cõjurote per Jesu Cristo, Deus verdadeiro, Nosso Ssenhor que naçeo por remiir os homẽes da virgem Maria pollo qual tu sofres esta nuidade, pollo qual tu atormentaste assy as tuas carnes que nom negues amí teu servo quẽ es ou donde es e como e perque guisa e ẽ qui tenpo veeste morar ẽ este hermo, mais rogote que mo contes todas estas cousas pello meudo pera ffazeres claras as obras de Nosso Ssenhor, grandes, maravilhosas: que (ssom [1]) ssabedoria escondida, thesouro emcuberto, nom ha proll nehũa. Rogote por Deus todo poderoso que me digas esto que te pregunto a mī pecador ssem meriçimento pera eu seer hedificado, ca eu creo ẽ Jesu Cristo aque tu ofereçeste a tua alma. Que por esto viim eu a este hermo pera seerẽ per ty glorificadas as obras de Nosso Ssenhor, cá nõ pode nẽhũu de nos esculdrinhar o avisso dos juizos de Deus [2]; que tu me (fol. 57 r°) ffosses demostrada e me contasses e amostrasses os teus trabalhos que passastes em este hermo, nom q̃sera elle que tu demostrasses ti meesma a mī nem me leixara padeçer tãtos trabalhos andando per este hermo.»

Depois que o ssanto homẽ Zozimas disse estas palavras e houtras ssemelhantes, levantou a santa molher da terra e disselhe: «Padre Zozimas, torpe cousa e vergonhosa cousa me he contarte esto que me demandas, mais rogote que me perdooes. Tu me viste nua em o corpo.

1 *Ms.* ssom respançado.

2 *Ms.* nom prougessem, — respançado.

Eu te mostrarey e farey conheçer os meus feytos pera saberes o doesto das minhas obras e nom asconderey nehũa cousa por vãa gloria. Ca nom posso eu aver gloria pellas minhas obras que fige en quanto foy vaso do diabo o escolheito. Eu sey, se te eu começar a contar as minhas obras, que tu fugirias de mī assy como de serpente peçoenta, ca nom poderas ouvir quantas e quaes maldades hey feytas; pero querote contar todo e nom te ẽcubrir nemhũa Rem. Mais Rogote, padre, que nom quedes Rogar polla minha mizquindade que pellos teus Rogos mereça achar misericordia ẽ aquel dia do juizo pavoroso » Entom o santo homẽ estendeo as mãaos a Nosso Ssenhor chorando muitas lagrimas. E a santa molher começou altamente a contar sseu feyto e disse: «Padre, ssabe por çerto que eu ssom natural do Egipto e, ssendo ainda vivos meu padre e minha madre, avendo eu hidade de doze anos, fuy me aa çidade de Alexandria, e como e perque quisa (fol. 57 v°) ally dey eu o meu corpo a corrupçõ e como servi a toda luxuria cõtinoadamente, nom o poderia cõtar. Digote, padre, brevemente a maldade da minha luxuria, que estive per dez e sete anos e mais em o logar pubrico, dando o meu corpo mui mallamente a quantos mo queriam sem ganho nẽhũu nem por algo que me dessem. Hũa cousa tan solamente avya de gaanho, convem a ssaber gaanhar vida luxuriosa: os jogos e os trebelhos das bevediçes avia eu por thesouro. Muitas vezes me queriam dar algo aquelles com que pecava e eu o nõ queria tomar por tal que gaanhasse mais meus amigos do meu maao deseio. Esto fazia eu como sse fosse Rica e contey a lazeyra por riqzas. Hũa cousa era a mi grande deseio acendudo, estar ssenpre ẽ Riisos e em jogos de dia e de nocte, fazendo vida mui maa e mui torpe, e assy ẽvolvia a frol da minha mançebia em obras çujas

e lixosas. E aveo que em tenpo da quentura tive mentes e vy muita cõpanha do Egipto e da terra de Libia viir aas Ribeiras do mar e preguntey a hũu honde sse hia aquella cõpanha. E elle Respondeo e disse que todos hiam a Jerusalem pera veerẽ a santa vera cruz de Jesu Cristo. E eu disse aaquel homẽ: «Conjurote por Deus, hirmãao, que me digas sse me consentirõ que vaa eu cõ elles, e elle me disse: «Sse tu pagares o frete do navio e teveres despesa, nom te tolherã nenũu de hires alla.» E eu disselhe: «Digote, hirmãao, verdadeiramente que eu nom tenho de que pague o frete nem (fol. 58 r°) tenho despesa pera o caminho, mais escondermehey em hũu destes navios que alla vãa e forçado he que me dem de comer os qui hy forem, ainda que nõ queirã, e darlhe ey o meu corpo por pago do frete. Rogote, padre Zozimas, que me perdooes. Ca eu queria hir com elles pera os aver por amigos da minha deleitação maa e lixosa. Eu te Rogey, padre, que me nom costrangesses que te dissesse as minhas vergonças que nom ssom pera contar. Ca de toda parte hey grande temor por Nosso Senhor que nom tam ssollamente as tuas horelhas ssom ẽçarradas pellas minhas palavras, mais ainda o aar he conprido de çugidade.» Quando esto ouvio o santo homẽ, chorava mui fortemẽte, e disselhe: «Irmaa amiga, conjurote per Deus que nõ leixes de contar o que começaste, mais dy todas as cousas pera me hedificares.» E ella começou a contar e disse: «Aquelle homem a que eu preguntava aque logar hia aquela conpanha, quando ouvio as pallavras torpes que eu dizia, soriosse, e eu fuime mui toste ao mar e vy emtom dez homẽes mançebos estar na Ribeira do mar jogando e ffazendo cousas de vaidade de mãçebia, e aguardavõ os sseus conpanheiros que andavã ẽ os navios, ca muitos estavom ja no navio, e eu mitime em meo delles

ssem vergonça e disselhes: «Levademe convosco alla honde hides, ca nom vos sseerey ssem proveyto.» Entom me levarom conssigo e ssoby com elles ẽ ho navio e partimonos daquel (fol. 58 v°) porto e começamos de andar, mais todo meu feito era em iogos e em bevediçes e em adulterios e em torpes pallavras que eu nom posso dizer per boca, nem ha horelhas que podessem ouvir tantas pallavras e tam torpes quantas falley em aquel navio, e nem temor de mar nem as hondas bravas nem as tormentas dos ventos nõ me castigavom nem me emmendavom das minhas maldades que nom tam ssollamente cuidava eu pera minha mizquindade aquelles que eram luxuriosos. mais ainda os que eram honestos, eu era perdiçom das almas delles, e a minha carne cruel era lago delles. Honde senpre me maravilho e me espanto como ho mar ssofreo a minha maldade ou como a terra nom abrio a ssua boca e ho inferno como me nom sorveo byva. Mais segundo eu vejo. Nosso Ssenhor Deus misericordiosso ssofreo a minha peendença e atendeo, ca el nom sse delleyta sobre a morte do pecador, mais atende a ssua peendença. Per esta guisa chegamos mui toste a Jerusalem e em todos os dias que estevemos ẽ Jerusalem ante da festa de Santa Cruz nom quedey eu de minhas maas obras e peyores que ante fazia por pirdiçõ de muitos. E quando chegamos aa festa de Santa Cruz do Salvador. andando eu pella çidade assy como avya em custume. olhando as gentes pera caçar, pera perdiçom das almas dos inocentes, viia os homẽes hir bem çedo aa egreia, e eu fuime com elles e chegey aas por (fol. 59 r°) tas do adro da egreja. e quando ffoy a ora de adorar a santa cruz, eu queria entrar na egreia com os outros, em tal guisa era enpuxada de hũa parte e da outra que nom podia entrar cõ a conpanha em nemhũa

guisa, e queria me chegar aas portas pera veer a santa cruz e a adorar e nom podia chegar a ellas com grande choro e grande trabalho. Eu muy mizquinha quando chegava e puynha os pees ẽ o lomear das portas, ẽtravam os outros ligeyramente, mais a mī hũa virtude de Deus me enpuxava e nom me leixava emtrar. E eu provava pera entrar e nom podia per nenhũa guisa, assy que eu ssoo fiquey ẽ ho adro e toda a outra conpanha emtrou. E eu cuidey qui esto que era por razom da minha fraqueza, porque era molher, e trabalheime de entrar com outras molheres per muitas vezes, mais todo era em vaao. Ca tanto que eu poinha ho pee no portal, logo era inpuxada per força, assy que o santo tenpllo recebya todos os outros ssem embargo nehũu, mais a mī ssoo cativa nom queria receber ẽ nèhũa guisa, mais assy como aaz de cavaleyros estava contra mī que me nom leixava ẽtrar, mais inpuxavame cada vez ata as portas do adro. Depois que me esto aconteçeo muitas vezes, fiquey muy fraqua e mui cansada em guisa que nom podia estar sobre meus pees e asenteyme ẽ hũu canto do adro apartada, cuidando ẽ mim dondeme viinria esto que nom podia entrar em o tenplo, e estando assy pensando emtendy dondeme acontiçia tal cousa. Ca pella çugidade (fol. 59 v°) das minhas maas obras nom podia eu adorar o lenho da santa vera cruz. Entom comecey eu mizquinha de chorar e firir os peitos cõ minhas maaos e dar grandes sospiros de coraçõ e esparger muitas lagrimas e tive mẽtes do lugar hu estava e vy hũa imagem da virgem Maria que estava hedificada a departe em hũu logar e torneyme entom a ella de todo coraçom e dixe: «O virgem santa, que geeraste o verbo de Deus emcarnado, eu ssey bem que eu nom mereço o olhar a tua grandeza, porque ssoo ençujada de tantas çugidades he chea [o] de muitas mizquindades,

mais ssõ certa que Nosso Ssenhor porem quis sseer feito homẽ por chamar os pecadores a peendença; pois Rogote, madre de Deus, que me ajudes, ca eu nom ey conforto nẽhũu, e fazeme emtrar per as portas desta egreia, e Rogote, senhora, que mẽ faças conheçer per ante todos o honrrado ssynall da santa Egreia que he a cruz ẽ que foy posto Deus em carne que tu geeraste. E eu daqui èdiante nom ẽçugarey esta carne com maaos feytos, mais tanto que me outorgares que adore o lenho da santa cruz, logo eu Renunçiarey ho ssegre e todas as ssuas cousas e hir me ey hu me tu mandares e hu me demostrares a carreyra da ssaude. Tanto que eu esto disse, tive em meu coraçom que a madre de Deus me gaanhara todas estas cousas de Nosso Ssenhor e tireyme daquel logar (fol. 60 r°) ẽ que horava [e] mistireyme com hos outros que emtravam em o tenplo e tanto que quise entrar nom foy enpuxada como ante, mais assy entrey tostemẽte com aconpanha come sse me enpuxassem hõdas de mar dentro na egreja, e chegeime ao santo logar a que ante nom podia hir. Entom cõ gram prazer tomoume grande pavor porque me via estar em aquelles santos logares ẽque ante nom podia entrar pellas minhas maldades e ssem nemhũu trabalho adorey o lenho da santa cruz e senty hũu odor muy precioso de mansidooe e merecy de veer todos os ssacramentos de Nosso Ssenhor. Dessy ssayme do tenplo e torneyme a aquella que me ally trouvera per ffe. E tanto que chegey aaquel logar ẽ que fezera o prometimento aa madre de Deus, ffiquey os giolhos em terra e começey a dizer estas palavras: «Tu, ssenhora, te amerçeaste de mĩ e nom engeytaste os meus Rogos. Por ty mereça veer a gloria de Deus que os pecadores nom podem entẽder. E ora sse chega o tempo pera eu conprir o que prometi e Rogote que me aderenças assy como te

praz e mostrame a carreyra da peendença da ssaude.» Tãto que eu esto disse, ouvi hũa voz que dizia assy: «Sse passares o Rio de Jurdom, ally acharas boa folgança.» Quando eu ouvi esta voz, entendy que por mĩ foy dita e levantey a minha voz cõ lagrimas e disse aa madre de Deus: «Ssenhora minha, nom me dessenpares, mais guardame ssenpre aly hu me mandas hir.» E depois que esto disse, ssaime do adro do tenplo e vyume hũu homẽ pyadosso e (fol. 60 vº) deume em esmolla tres dinheiros [1] e eu tomeyos e cõprey delles tres paiees e trouxeos por beençom comigo no caminho e perguntey aaquel homẽ de que conprey os pãaes per hu era o caminho pera o Rio de Jurdom, e elle mostroume a porta da çidade perque fosse ao Rio de Jurdom, e era entom asy como ora de terça quando adorey o lenho da cruz e começey a andar meu caminho, e ante qui fosse o sol posto, chegey ao oRagoo de Sam Joham Bautista que era na Riba do Rio de Jurdom e lavey a face e os pees cõ a augua do Rio e Reçeby os santos sacramentos ẽ aquel moesteyro de Sam Joham Baptista. E comy ally a meatade de hũu pam e bevy daugua do Rio de Jurdom e deiteime essa nocte em a Ribeira. Em houtro dia metime ẽ hũa barca e passey o Rio aalem, Rogando mui aficadamente aa madre de Deus que me mostrasse a carreyra da saude assy como lhe prougesse, e desy viime ao hermo e des aquel tẽpo ataa hora senpre me alongey fugindo, morando nos lugares desertos atendendo e esperando ẽ Nosso Ssenhor Deus que faz salvos os que sse convertem a elles.» :. *9õ.*

Quando estas cousas ouvyo o santo homẽ Zozimas, disse [a] a santa molher: «Senhora minha, dime quantos

1 Ms. dieiros.

anos ha que vives em este hermo? Respondeo ella e disse: «Estimo que ha quarenta anos que eu (fol. 61 r°) say da santa çidade de Jerusalem.» E disse o santo homem: «Que achaste pera comer em este hermo depois que aqui moraste?» Respondeo ella e disse: «Eu trouxe dous payes e meyo quando passey o Rio de Jordom os quaes emdureçerã pollos tempos assy como pedras e comy delles pouco per algũus anos.» E disse-lhe: «Sse ẽ tantos viveste sem trabalhos ou porque foste mudada e cõvertuda tam aRevatadamente nẽ ouveste algũus trabalhos?» Respondeo ella e disse: «Padre, tu me perguntaste agora hũa cousa em que ha muito temor. Ca sse eu quiser contar os perygoos e as tentacõoes e as emseias das coidações que padeçy, temome que sse me Renovem como de cabo.» E disselhe o santo homẽ: «Ssenhora minha, no leixes nẽhũa cousa que me todo nom descubras. Ca eu te Rogey que me contes todo pollo meudo.» E a santa molher Respondeo e disse: «Creeme, padre, que per dez e sete anos lidey cõ as coydações carnaaes em este deserto que me combaterom mui bravamente quando me nembrava da avondança dos mangares que ssoya aver e deseiava as carnes e os pescados que comia ẽ ho Egipto e cobiiçava de bever do vinho ẽ que me deleytava e nunca era avondada. Ca eu bevia muito vinho quando era no segre. Outrossy era teptada ẽ este deserto das deleytaçons dos maaos cantares dos demoes que antes aprendera, mais tanto que me vya teptada, lo (fol. 61 v°) go começava de chorar, quando me lenbrava daquella que ffora minha guiador, e trespasava, e a que posera minha ffe quando entrey ẽ este hermo assy como sse estevesse ante a ymagem da madre de Deus e Rogavaa cõ muitas lagrimas que affastasse de mĩ as mãas e çujas cuidaçoons da minha mente. E depoys que deitava muitas lagrimas, vya aRedor de mĩ

lume mui esplandeçente e as minhas lagrimas eram çercadas de lanpados esplandeçentes e depois desto conbatianme as cuidaçoons dos meus fornizios assy como fogo e assy gastavã as antradanhas do meu coraçõ e empuxavãme aos maaos deseios e torpes. E quando taaes lides e taaes tentaçõees como estas me conbatiã ssem quedar, acorryame aas armas da oraçom assy como avia castume de fazer e lançavame ẽ terra e chorava muitas lagrimas e Rogava aa minha guiador que me acorresse per tal guisa que eu nom ffalssasse nẽ trespassasse o que prometera pera hir a perduraviis penas, e nõ levantava ha façe da terra ataa que passava todo o dya e a noyte e ataa que veesse aquel esplãdor mui doce daquel glorioso lume que me çercava toda ẽ Redor e afugẽtava toda aquella cuydaçõ e todas aquellas emssejas [1] de tãtas tentações do dyaboo e per esta guisa fui eu deffesa cõ conssolaçõ da santa fe da minha guiador, e trespassey assy dez e sete anos escapando de muitos perigoos, e des aquel (f. 62 r°) tenpo aca ssenpre acho prestes minha ajudador a virgem Maria que me vigya e me guarda de cada parte.» E disselhe aquel santo homem: «Per ventura de aquel tenpo euveste mingua de comer e de vistir?» Respondeo a santa molher: «Verdadeyramente, te digo que eu per dez e sete anos comia das ervas que achava no deserto. As minhas vistiduras cõ qui eu passey o deserto todas apodreçerom e sse Ronperom. Ca eu fui mui atribulada das geadas e dos frios do inverno e das grandes quenturas do sol. Ca des aquel tenpo atees agora a misericordia de Nosso Senhor livrou ho meu corpo e a minha alma de todollos perigoos escapey pella graça de Deus. Grande prazer e

1 Importunidades, *glosse de main moderne.*

grande esperança de ssaude me creçe. A palavra de Deus a mī manjar e bever e vistidura. Ca nom vive o homē tam ssollamente, mais em toda palavra que ssae pella boca, porque diz a Escriptura que aquelles que nom teverē vistidura que sse vistom de pedra, os que disvistirõ as vistiduras da maldade.» Quando o santo homē vyo que ella fallava pellas Scripturas santas, disse-lhe: «Senhora, dime sse liias os Psalmos ou outros livros das Escripturas.» E ella lhe disse: «Homē de Deus, creme que eu nõ vy outro homē depois que passey o Rio de Jordam see nom tam ssollamente a tua presença, nē vy besta nē outra animalia nēhũ. Eu nunca aprendy leteras nē vy nēhũu que mas leesse, mas a palavra de Deus que ssenpre vive inssyna homē toda sçiençia. Hora, padre, te contey declaradamente as minhas (fol. 62 vº) obras. E assy como te ante Rogey, assy te Rogo e te conjuro pollo verbo de Deus ēcarnado que Roges a Nosso Ssenhor ssem quedar per mī pecador.» Depois que esto disse a santa molher e acabou suas pallavras, o santo homē fficou os giolhos ē terra e allevantou ssua voz cõ lagrimas e disse: «Beento es tu senhor Deus todo poderoso que demostraste a mī pecador todos os bees que tu deste aos que te temē e nunca desenparas os que te demandam. E a santa molher levantou o santo velho da terra e disse-lhe: Homē de Deus, eu te conjuro per Jesu Cristo Nosso Ssalvador que nom digas estas cousas que ouviste a nehũu ataaqui Nosso Ssenhor me mande hir deste mundo. E agora vayte em paz, e outra vez em este anno que hade viir me veerás e eu te veerey com a graça de Deus, rogote per Nosso Ssenhor que em toda a quoresma deste ano que ha de vyr nom passes o Rio de Jurdom segundo o custume do moesteiro. Quando ho santo homē vyo que ella lhe fallava da Regla sollenne do moesteyro, maravilhavasse e

nom dizia outra cousa se nõ: «Glorya a ty senhor Deus que das grandes cousas aaquelles que te amam.» E a santa molher lhe disse: «Tu mora dentro no moesteiro assy como te ey dito e nom ssayas fora assy como manda ha Regla. Ca aynda que tu queyras ssayr, nom te leyxaram e aa vespera da cea santa de Nosso Senhor toma o santo corpo e o ssangue de Nosso Senhor Jesu Cristo em hũu vaso mui linpo e (fol. 63 r°) tragemo e atendeme na Rybeyra daalem de Jordõ, e ally viirey eu e Reçeberey o santo sacramento do corpo e do sangue de Jesu Cristo. Ca des aquel dia que eu comungey em ho oratoryo de Ssam Joham Baptista ante que passasse o Ryo de Jordom, nunca depois Reçeby o santo sacramento. E amoesta o abbade Johane do moesteyro em que mora que sseia Reçebido ẽ Razem dos sseus frayres porque algũas cousas sse fazem hy que conprem seerem emmẽdadas.» E depois que esto disse a santa molher ẽ adeu mais, dizendo: «Ora por mĩ padre,» e foysse dentro pello deserto.

O santo homẽ Zozimas ficou os giolho em terra e beigou a terra ẽ que a santa molher posera os pees, glorificando Nosso Senhor. Tornousse cheo de lidiçe da alma e do spiritu louvãdo e beenzendo Jesu Cristo Nosso Ssalvador e tornousse do hermo e em aquel dya chegou ao moesteyro ẽ que morava, e per todo aquel ano sse calou que nom disse nẽhũa cousa a nehũu daquello que vyra. E acabado ho anno, quando veerom os dyas do jejũu da quoreesma e no prymeyro dia do domingo depoys da oraçom ssollepne, os outros frades [sairom] do moesteyro segundo a Regla, mais o santo homẽ Zozimas era mui doente de febre e nõ pode ssayr do moesteyro, e assy sse nenbrou da palavra da santa molher que lhe disse que, sse quisesse ssayr do moesteyro, que nom poderya, mais acabo de poucos dias q foy ssao da infirmidade e estava

no moesteyro. E quando veo ao dia (fol. 63 v°) santo da çea de Jesu Cristo, trabalhousse de ffazer o que lhe Rogara a santa molher e levou consigo ẽ hũu calez pequeno o ssacramento do corpo e do ssangue de Jesu Cristo e tomou hũus poucos de datilles e de figos passados e lentilhas molhadas ẽ auga e aa ora da vespera chegou aa Ribeyra do Ryo de Jurdom, atendendo a santa molher. E ella tardava que nom vinha tam aginha. E o santo homẽ parava mentes contra ho deserto esguardando aquela que tanto desejava veer e dizia antresy: «Per ventura os meus pecados lhe ffezerom que nom veesse a mĩ, ou per ventura veo prymeyro que eu a este logar e porque me nom achou tornousse.» Esto dizia elle cõ grande choro e cõ grande door de coraçõ e levantou os olhos ao çeeo e Rogou a Nosso Ssenhor ẽ estas pallavras: «Senhor Deus, Rey de todas as criaturas, nom me ffaças mingua de veer eu aquella que deseio veer outra vez, nem me leixes vazio de sua presença e ditas estas pallavras, começou de cuidar antre ssy dizendo: «Que farey se veer a santa molhor? Ca nom ha aqui navio nẽhũu ẽ que possa passar aqueste Rio de Jurdom pera viir a mĩ pecador. Ay de mym nom digno! como ssoo minguado da bondade de tanto deseio!» Dizendo o santo homẽ antresy estas cousas, aque chega a santa molher aa Ryba do Rio. E quando a vyo o santo homẽ alegrousse cõ grande prazer, glorificando Noso Senhor e cuidando elle como a santa molher poderya pasar o Ryo, vyo que fez ella o sinal da cruz ssobrellas augas do Rio, e come (fol. 64 r°) çou de andar per çima com sseus pees e chegou a elle mui toste. E elle veendo tantas maravilhas lançousse ẽ terra e quisea adorar, e ella começou de lhe bradar, defendendolhe que o nom fezesse, dizendolhe: «Padre, nom faças: ca tu trages contigo o santo sacramento e demais as dignidades de

sacerdote.» E disse-lhe: «Padre, beenzeme,» e elle tremendo disse: «Eu ssey que a verdade nunca falece; que prometeo faze ssemelhantes assy meesmos. Quanta virtude he daqueles que fugem aas treevas deste mundo esse chegam a Nosso Ssenhor con linpo coraçõ! Gloria seia a ty Nosso Ssenhor Deus que me nam fezeste minguado do deseio do meu coraçõ nem tiraste a tua misericordia de mim, mais demostrame por esta a tua misericordia. Quanto som alongados de mī as carreyras da enteyra ssaude!» Depois que o santo homē esto disse, Rogoulhe a santa molher que lhe dissesse o sinbolo da ffe que he o credo e a oraçom do Senhor que he o pater noster. E acabada ha oraçom, deu aa santa molher o corpo de Nosso Senhor e o ssangue e assy Reçebeo o santo ssacramento de Nosso Senhor Jesu Cristo e tendeo as mãos ao çeeo e disse: «Senhor Deus, hora leixas tu a tua serva em paz segundo tua palavra, por que vyrõ os meus olhos a tua ssaude.» E disse ao santo homē: «Rogote que em ho outro ano que conpras o meu deseio e que venhas em este anno que ha de viir ao lugar hu eu primeyro faley cõtigo. E agora vayte em paz pera o moesteiro e conjurote per Nosso Ssenhor Deus que em toda guisa venhas pera me (**fol. 64 v°**) veeres assy como prouger [1] a Deus.» E o ssanto homē lhe disse: «Rogote que coymas comigo pera gostares agora hũupouco desto que eu trouxe» E ella tomou emtom tres graos de lentilhas molhadas e deu graças a Deus e comeos e disse: «Avondanos a graça do spirito santo pera podermos guardar os preceytos de Deus sẽe magoa. E tu padre, ora por mi a Nosso Ssenhor e ssey nenbrado de mi» E o santo homē lhe disse: «E tu ora a

1 *Ms.* ppger.

Deus pollas[1] egrejas santas e polla cristindade e por mi pecador.» E ssalvaronsse e espidironsse hũu do outro. E a santa molher ssiinousse do ssinal da cruz e passou o Rio de Jordam per sseus pees assy como da primeyra. E o santo homẽ ficou e Repeendeosse porque nom perguntara pollo nome da santa molher, desi foisse pera sseu moesteiro.

Em outro anno trabalhousse o santo homẽ Zozimas pera viir ao hermo assy como avia em custume e andou per tantos dias ataa que chegou ao lugar maravilhoso que lhe disera a santa molher. E elle sperava aachar algũus ssinaaes do sseu deseio e quando vyo que nom viia nehũu, começou muito de chorar dizendo: «Senhor Deus, amostrame o teu thesouro ẽ este hermo, amostrame o teu angeo ẽncorporado de que este segre nom he digno.» Depois que esto disse, chegou a hũu logar de hũu Regato hu jazia o corpo da santa molher finada com ssuas mãaos e sseus pees assy postados como convem aos mortos e a ssua façe catava contra ho oriente. Quãdo ha vyo ho santo (fol. 65 r°) homẽ coreo mui toste contra ella e começou de lhe beygar os sseus mui santos pees e Regarlhos cõ muitas lagrimas. Ca nom ousava de tanger nemhũa outra parte do corpo da santa molher. E começou de cantar psalmos quaes convinha e fazer oraçom solepne e coydava antresy dizendo: «Eu querya ssoterrar este sancto corpo, mais temome que nom praza aa santa molher.» Coidando el esto, vio leteras scriptas ẽ terra aa cabeça della que diziam assy: «Zozimas, enterra em este logar Maria e da aa terra o sseu poo e ora por mĩ a Nosso Senhor per cujo mandado ẽ o ssegundo dia do mes dabril

1 *Ms.* pll'as. pll'a.

leixei este ssegre.» Quando ho santo homẽ leeo as leteras, ficou mui alegre porque per aquella scriptura ssoube o nome da santa molher e ffoy çerto que, tanto que ella Reçebeo delle ho santo sacramẽto em ho anno trespassado, que logo sse ella ffoy aaquel logar ẽ que acabou ssua vida. E aquel deserto que o santo homẽ aadur pode andar per espaço de vinte dias, andou a santa molher ẽ hũa ora e deu a alma a Nosso Ssenhor. Entom disse ho santo homẽ antresy: Tenpo he que eu conpra o mandamento da santa molher, mais que farey mizquinho? ca nom ssey como possa cavar a terra nem tenho cõ que a cave! Tanto que esto disse, vio hũu lenho pequeno e tomouo e começou a cavar a terra cõ elle pera fazer a cova pera ho santo corpo. E a terra era mui dura e nom se podia cavar per nehũa guisa. E o santo homẽ como era velho trabalhava muito e suava ẽ cavar a terra e suspirava mui de coraçom e teve mentes e vyo hũu grande leom estar aos pees da santa molher (fol. 65 vº) beygandolhe as peegadas. E quando ho o santo vyo, ouve gram temor delle e lenbrousse da palavra da santa molher que lhe disse que nunca viira besta fera ẽ aquel hermo e ssynousse do ssynal da cruz e creeo que lhe nam farya mal aquel liom pella virtude daquel santo corpo. E o liõ começou a fazer sinal ao santo homẽ como que o mandasse e disselhe o santo homẽ: «Esta molher mandou que eu ssoterrasse o sseu corpo. E eu ssoom velho e nom posso cavar a terra porque nom tenho tal fferramenta com que a cave, mais tu toma este trabalho e cava a terra pera podermos ssoterrar o santo corpo.» E tanto que esto disse o santo homẽ Zozimas, logo o liom começou a cavar a terra cõ os pees e fez hũa cova cal cõpria pera o santo corpo. Entom tomou Zozimas o santo corpo e meteo ẽ a cova e cobrio da terra, estando com elle o leom, e me-

teo aquel corpo nuu assy como andava, afora que hia cuberta ẽ as partes neçessaryas cõ o pano Roto que lhe dera o santo homẽ cando a vyo primeyramente. E partiransse dally o santo homẽ e o leõ assy como cordeyro manso e ffoysse pera o deserto. E o santo homẽ tornousse beenzendo Noso Senhor e cantando hynus e louvores a Deus e depois chegou ao moesteyro onde vivia e contou todas estas cousas aos monges e nom emcobryo nẽhũ cousa de todo o que vyo e ouvyo. E elles (fol. 66 r°) quando ouvirom estas cousas gloryficarom Nosso Senhor que faz tantas maravilhas e taabalharonsse de fazer festa em cada hũu anno e honra da santa molher Maria do Egipto em o dia do sseu passamento. E o abbade Joham daquelle moesteyro achou algũus pera Repreender e castigouos e ameaçouos e enmendouos pollas palavras que lhe mandou dizer a santa molher. E o santo homẽ Zozimas morou ẽ aquel moesteyro per espaço de cento annos ffazendo muy santa vida, gloryfficando Nosso Ssenhor Deus do ceeo que abre a porta da misericordya aaquelles que o demandã de todo coraçõ e de todo deseio, ao qual he honrra e gloria pera todos os ssegres. Amen.

Legenda de Santa Maria Egipciaca

(TEXTO DE 1260)

Maria a Egypciaca, denominada a peccadora, levou durante quarenta e sete annos, a vida a mais austera em meio do deserto e alli se consagrou pelo anno do Senhor duzentos e oitenta sob o governo de Claudio.

Um certo abbade, chamado Zozimo, tendo atravessado o Jordão, procurava neste deserto a vêr se ahi encontrava algum santo padre. Avistou uma criatura inteiramente núa, o corpo enegrecido e tostado pelo sol, e era a Maria Egypciaca. Assim que ella o viu quiz fugir; mas Zozimo foi atraz d'ella correndo com rapidez: disse-lhe ella então: — Zozimo, para que me persegues? Perdôa-me, porque eu não me atrevo a appresentar-me diante de ti nem mirar-te de frente, porque estou completamente nua, mas, da-me o teu manto para me cobrir e poder olhar para ti sem vergonha.

Quando elle ouviu proferir o seu nome ficou abalado pela surpreza e entregou-lhe o seu manto, e ponde-se de joelhos, pediu que ella o abençoasse.

— Padre !, disse ella, é a ti que bem melhor compete o abençoar-me, porque tu estás revestido da dignidade sacerdotal.

Quando elle viu, que não sómente lhe conhecia o nome, como sabia tambem que era padre, ficou assombrado com a maravilha, e supplicou-lhe mais porfiadamente para o abençoar. Disse ella então:

— Bemdito seja Deus, redemptor de nossas almas.

No momento em que ella orava com as mãos erguidas para o céo, o velho viu que ella estava levantada do chão um côvado, e concebeu certa suspeição de que fosse um espirito que fingisse fazer oração. E disse ella então:

— Que te perdôe Deus de me teres tomado, a mim antiga peccadora, por um espirito immundo.

E Zozimo, conjurou-a, em nome do Senhor, para que lhe referisse a sua historia; e ella lhe disse:

— Padre ! perdôa-me; se te declarasse o meu estado, fugirias espantado diante de uma serpente; os teus ouvidos ficariam conspurcados pelas minhas palavras, e o ár ficaria infectado de immundicies.

Como elle insistisse com vehemencia, disse-lhe a final:

— Eu nasci no Egypto, e nos meus doze annos dirigi-me para Alexandria, aonde, durante dezesete annos me entreguei á publica depravação, e a toda a gente me prestava. E como alguns homens dessa terra se preparavam para fazerem a viagem de Jerusalem para irem adorar a Vera Cruz, eu pedi aos marinheiros que os transportavam, para me deixarem ir com elles. Quando me exigiram o frete da passagem, logo lhes disse: Irmãos, nada tenho que vos dar, mas aqui está o meu corpo para pagamento

da minha passagem. N'estas condições me levaram e dispozeram do meu corpo para se pagarem. Chegámos todos a Jerusalem, e tendo-me apresentado com essa gente ás portas da Egreja para adorar a Vera-Cruz, eu senti-me subitamente repellida por uma força invisivel: tornei muitas vezes debalde até ás portas da egreja, e sempre me sentia retida, ao passo que os demais entravam desembaraçados. Então recolhi-me em mim mesmo, e pensei que meus numerosos e immundos peccados eram a causa da minha repulsão; comecei a suspirar intimamente, a soltar lagrimas amargas, e a castigar o meu corpo com as proprias mãos. Ao reparar no ádito eu vi uma imagem da bemaventurada Virgem Maria, e comecei então a rogar-lhe humildemente, que meus peccados perdoasse e me permitisse entrar para adorar a santa cruz, e eu lhe prometti de abandonar o mundo e para o futuro fazer voto de castidade. Possuida de confiança na bemaventurada Virgem bemdita, entrei d'esta vez sem obstaculo na egreja. Depois de ter adorado bem devotamente a santa Cruz, um homem me deu trez dinheiros, com que comprei trez pães. Ouvi então uma voz que me dizia: — Se transpuzeres o Jordão, tu serás salva. Atravessei então o Jordão e vim para este deserto, onde, durante quarenta e sete annos, não vi viva alma; os trez pães que trouxe endureceram e me bastaram até ao dia de hoje. Os meus vestidos cahiram em frangalhos, e durante os dezesete primeiros annos da minha vida solitaria, tive de soffrer as tentações da carne; mas com a divina graça foram todas vencidas. Até aqui narrei-te a minha historia, rogo-te que por mim ores a Deus.

Então o velho ajoelhou-se e bemdisse o Senhor Nosso na sua serva.

—Eu te peço, disse ella, de voltar ás margens do Jordão no dia da Paschoa e de comtigo trazeres o corpo do Senhor nosso. Eu irei ao teu encontro e de tuas mãos tomarei o corpo consagrado; porque, desde que para aqui vim, nunca mais recebi o corpo do Senhor.

O ancião regressou ao seu mosteiro, e no anno seguinte, ao chegar o dia de Paschoa, tomou o corpo do Senhor nosso, e dirigiu-se para a borda do Jordão, descobrindo na outra margem a mulher que já lá estava. Ella fez o signal da cruz e veiu por sobre a agua ter com o velho; pasmado da surpreza elle ajoelhou humildemente aos pés da santa. Porém disse-lhe ella: —Repara para o que fazes, porque tu tens os sacramentos do Senhor comtigo e te realças com a dignidade de sacerdote; apesar de tudo eu te rogo que para o proximo anno venhas aqui ter commigo.

Logo que ella recebeu o sacramento, fez o signal da cruz e por cima da agua voltou para o deserto, e o monge para o mosteiro. Passado o anno elle voltou ao mesmo logar e a encontrou morta. Derramou muitas lagrimas, sem atrever-se a tocar-lhe. Disse para si: Eu a sepultaria de boa vontade, se não tivesse receio de lhe desagradar. E emquanto scismava, viu ao lado da cabeça da santa um escripto com estas palavras: — Zozimo, sepulta o corpo de Maria, restitue o seu pó á terra, e ora por mim a Nosso Senhor, por cujas ordens deixo este mundo no segundo dia das calendas de Abril.» Então o velho teve a certeza, que logo que recebera o sacramento e regressara para o deserto ahi expirara. E este de-

serto que Zozimo difficilmente atravessaria em trinta dias, ella o percorrera em uma hora, e partira para Deus. Emquanto o velho tentava cavar a terra, sem o conseguir, viu aproximar-se um leão muito manso, e disse-lhe: — Esta santa me encarregou de a sepultar, e eu não posso cavar a terra, porque sou velho e não tenho aprestos. Cava pois esta terra com as unhas, para que possamos sepultar o santo corpo.» E o leão começou desde logo a cavar, e fez uma cova sufficiente; e depois que o corpo ahi foi deposto, o leão foi-se embora manso como um cordeiro, e o velho voltou para o seu mosteiro glorificando a Deus. (*Legenda aurea* de Jacob de Voragine: Seculo XIII.)

Morte da Egypcia penitente

(EXCERPTO)

E chegado a tempo certo
Zozimas se despediu
Dos irmãos, e se partiu
Outra vez para o deserto
Onde a santa mulher viu.
E alli n'aquelle logar
Onde a mesma fôra achar,
Em roda os olhos virava,
E vendo que não a achava,
Com Deus se poz a fallar:

E diz: Mostra-me, Senhor,
O thezouro que escondido,
Quizestes, por vosso amor,
Mostrar a mi peccador
De vós tão favorecido;

Mostrae-me aquella mulher,
Que vós quizestes fazer
Angelica, pura e santa,
E de tal modo que espanta
A todo humano saber.

Orando assi se chegou
Ao logar que já primeiro
Lhe parecera ribeiro,
D'onde os olhos levantou
Para cima de um outeiro;
E viu n'elle o santo abbade,
Amostrando-lhe a verdade,
Que o corpo morto e sagrado
Da mulher tinha cercado
Uma grande claridade.

Mãos e pés compostos deram
Mostras que aquelles que adoram
A Deus no céo onde moram,
O seu corpo compozeram,
E sem falta que anjos fôram.

Chegou-se Zozimas tanto
Turbado entre dor e espanto,
Que pôde vêr claramente,
Virado para o Oriente
O rosto do corpo santo.

Tanto que reconheceu
A santa, estando defronte,
Co'as lagrimas que verteu,
A gram compaixão moveu
As féras d'aquelle monte.
Lançou-se a seus pés chorando,
O santo psalmos resando,
Que áquelle officio convinham,
E os soluços lhe detinham
O resar, de quando em quando.

Passado o pranto, cuidou
Como lhe dar sepultura;
E quando a vista abaixou,
Impressa na areia achou
Breve, mas certa escriptura:

— Cubre-me, Zozimas, (dizia)
O corpo que é de Maria,
Que Deus te quiz mostrar só,
E põe o pó no seu pó,
E a terra na terra fria.

E ao Senhor roga por mi,
Que fui peccadora vil;
E d'esta vida parti
Quando me apartei de ti
Aos dois dias de Abril;
Na noite em que Christo amado
Aos seus em manjar foi dado,
Tempo da sua Paixão,
Como a santa communhão
Das tuas mãos tive tomado. —

Acaba o velho de ler
O que lhe mostra a scriptura
E se alegrou de saber
Que se chamava a molher
Maria, já custa e pura.

E como a letra notou,
Por estremo se espantou,
Porque a molher lhe disséra,
Que nunca escrever soubera
Nem lêr alguem lhe ensinou.

Pela scriptura entendeu,
Que para o céo, d'este mundo
Partiu, quando recebeu
O Senhor da terra e céo,
E temido no profundo.
E que n'uma hora viera
Caminho que não podera
Em vinte dias andar-se,
E se deixou de espantar-se,
Foi por que ella angelica era.

Começa o santo a cuidar
Como da molher sagrada
O corpo deve enterrar,
Porque não se póde achar
N'aquelle logar enchada.

Estando n'este cuidado,
Eis um leão, de unhas armado,
Vê que se chega á molher,
E lhe começa a lamber
Os pés, brando e socegado.

Ao varão causou terror
A grandeza do leão,
E com a direita mão
Sobre si começa a pôr,
O que é signal de christão.
Mas a féra que se amansa
Humilde a seus pés se lança,
E o afaga festejando;
Cobra elle coração, quando
A vê domestica e mansa.

E ousadia mais tomou
Que se criado o tivesse,
Pois com as mãos a afagou,
E logo alli lhe mandou
Que uma cova lhe fizesse.

O leão obedecendo,
Com as unhas foi fazendo
A cova tal qual convinha
Como quem mandado vinha
Por quem tudo está movendo.

Zozimas chorando, á terra
O corpo dá de Maria,
Terra núa e terra fria,
E despido o corpo enterra
Como despido o trazia.
Não trouxera cobertura
A celestial criatura
Mais que a que ella lhe pedira,
Então, quando se cobrira
Per honestidade pura.

Emquanto o santo enterrava
O corpo na terra lenta,
Sempre gemendo, chorava;
E as lagrimas que lançava
Lhe serviam d'agua benta.

Depois do corpo enterrado,
Ao deserto socegado
Torna o leão como cordeiro;
Zozimas para o mosteiro
Se torna desconsolado,

Onde per passos cansados
Sobindo e descendo outeiros
Chega, e vê já descansados,
Porém de pouco chegados
Todos os seus companheiros:
Foi de todos, e do abbade
Com amor e caridade
Abraçado e recebido;
Que de todos é querido
Por sua grande bondade. [1]

LEONEL DA COSTA, *A Conversão miraculosa da felice Egypcia, penitente Santa Maria, sua vida e morte.* Lisboa, 1627. In. 12.

1 Canto VII. Seguem-se 190 quintilhas em que Zozimas faz a narrativa de toda a lenda aos companheiros, podendo formar um poema completo, sem as digressões moraes e ampliações rhetoricas dos seis Cantos anteriores.

INDICE

PAG.

PRELIMINAR. V
A Egipciaca Santa Maria 1
Cinco sonetos ineditos de Sá de Miranda . . . 183
Vida de Maria Egipcia 189
Legenda de Santa Maria Egipciaca 215
Morte da Egipcia penitente. 221

BINDING SLOT: JUL 8 1970

PQ
9241
E4

Sá de Miranda, Francisco de
A egipciaca Santa Maria

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 05 09 013 4